

# ESTRANGEIROS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO



**Características e histórias de algumas espécies exóticas presentes no cotidiano dos cariocas**

**Claudio Alexandre de Aquino Santana  
Engenheiro Florestal, MSc.**

**Capa:** *Ficus microcarpa* L.f localizado no subúrbio da Leopoldina, cidade do Rio de Janeiro, verão de 2020.  
Foto: Claudio Santana.

Santana, C.A.A, 1972-

Estrangeiros na cidade do Rio de Janeiro: características e histórias de algumas espécies exóticas presentes no cotidiano carioca (recurso eletrônico). Rio de Janeiro, 2020. 129 p.il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-00-03052-5

1 Arborização urbana 2. Identificação botânica I.  
Título.



Siga-me em minhas redes sociais:

<https://www.instagram.com/csantana72>

<https://twitter.com/csantana72>

<https://www.facebook.com/claudio.santana.94>

# ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>AS ESPÉCIES</b>	<b>10</b>
<b>Anacardiaceae</b>	<b>12</b>
<i>Mangifera indica</i> L.	13
<i>Spondias dulcis</i> Park.	17
<b>Bignoniaceae</b>	<b>21</b>
<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	22
<i>Tabebuia rosea</i> (Bertol.) Bertero ex A.DC.	26
<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth.	30
<b>Chrysobalanaceae</b>	<b>34</b>
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	35
<b>Combretaceae</b>	<b>39</b>
<i>Terminalia catappa</i> L.	40
<b>Fabaceae</b>	<b>44</b>
<i>Albizia lebbek</i> (L.) Benth.	45
<i>Bauhinia variegata</i> L.	49
<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A.Howard	53
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	57
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	61
<i>Tamarindus indica</i> L.	65

<b>Malvaceae</b>	<b>69</b>
<i>Pachira aquatica</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	70
<b>Meliaceae</b>	<b>74</b>
<i>Melia azedarach</i> , L.	75
<b>Moraceae</b>	<b>79</b>
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	80
<i>Ficus benjamina</i> L.	84
<i>Ficus elastica</i> L.f.	88
<i>Ficus microcarpa</i> L.f.	92
<i>Ficus religiosa</i> L.	96
<b>Myrtaceae</b>	<b>100</b>
<i>Psidium guajava</i> L.	101
<i>Syzygium cuminii</i> (L.) Skeels	105
<i>Syzygium malaccense</i> L.	109
<b>Oxalidaceae</b>	<b>113</b>
<i>Averrhoa carambola</i> L.	114
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>118</b>
<b>GLOSSÁRIO</b>	<b>128</b>

# APRESENTAÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro, no período em que era disputada entre tupinambás, temiminós, franceses e portugueses, era dominada por ambientes naturais, como florestas, restingas, manguezais e extensas áreas pantanosas. Após a expulsão dos franceses, a cidade começou a ter sua paisagem modificada, com progressiva alteração das relações entre seus habitantes e a natureza então existente.

Nos primeiros tempos da cidade, havia ainda abundância do elemento vegetal, presente em florestas, sítios, chácaras e quintais. A urbe se restringia ao território do atual bairro do Centro, expandindo-se apenas após a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808.

As primeiras alterações na geografia da cidade, com arrasamento de morros e aterramento das inúmeras lagoas então existentes, tiveram como consequência a abertura de novos espaços. Em 1783, ainda no período da Colônia, foi criado o jardim do Passeio Público, composto principalmente por espécies exóticas, oriundas do Velho Trópico, onde já existiam espécies domesticadas e conhecidas dos portugueses. O artífice deste belo recanto, existente ainda hoje, foi Valentim da Fonseca e Silva, o Mestre Valentim, escultor, entalhador e urbanista,

importante personagem do Período Colonial no Rio de Janeiro.

A criação do Real Horto, atual Jardim Botânico, em 1808, levou à introdução de muitas espécies de todas as partes do mundo, posteriormente distribuídas em propriedades de todo o país. Em 1858, Auguste François Marie Glaziou, horticultor francês, recebe de Dom Pedro II a incumbência de implantar parques, praças e jardins, com forte influência europeia, em especial francesa, em sua forma e conteúdo, tanto no planejamento e realização dos espaços, quanto na composição de espécies, prioritariamente exóticas.

Espécies alóctones, alienígenas ou, como é mais comum se dizer, exóticas, estão presentes no nosso dia-a-dia, e estão inseridas em diversos recortes. São todas aquelas espécies que se encontram fora de sua área de ocorrência natural, sejam elas espécies brasileiras ou estrangeiras. Podem coexistir sem conflitos com a flora nativa, ou podem assumir comportamento invasor, situação em que são chamadas exóticas invasoras.

Muitas espécies exóticas fazem parte de nossa alimentação, como arroz, soja, alho, cana-de-açúcar, café, laranja. Outras estão presentes em quintais e na arborização de ruas, como as indianas amendoeira,

jaqueira e mangueira, os africanos tamarindo e flamboyant, a amazônica munguba.

Não podemos esquecer que as árvores fazem parte da nossa cultura desde tempos imemoriais. A Árvore do Bem e do Mal e a Árvore da Vida do Gênesis, além da figueira (provavelmente *Ficus caryca*, Moraceae, uma das mais antigas plantas cultivadas, mas há quem fale em *Ficus religiosa*) cujas folhas foram usadas por Adão e Eva para esconder sua nudez diante do Senhor; a Sydrah, árvore citada no Corão, que marca o limite do Sétimo Céu, a partir do qual nenhuma criação pode passar (provavelmente *Zyzyphus lotus*, Rhamnaceae); a nórdica Yggdrasil faz a ligação entre os Nove Mundos, podendo ser representada por um freixo (*Fraxinus excelsior*, Oleaceae) ou um teixo (*Taxus baccata*, Taxaceae); no candomblé *keto*, praticado no reino do Daomé (atual Benim), o orixá Iroko é representado por uma grande árvore, da família Moraceae, a *Milicia excelsa*; e para os índios guaranis da América do Sul, o cedro (*Cedrela fissilis*, Meliaceae) possui a madeira vermelha pelo fato do Sol fazer morada dentro da árvore.

Voltando a nosso tempo e à nossa cidade: muitas espécies são tão presentes na vida do carioca a ponto de não serem reconhecidas como estrangeiras. Em muitos casos fazem parte de nossa memória afetiva, como a tamarineira da quadra do Cacique de Ramos, com sua

conexão com o sagrado; as mangueiras, jamelões e goiabeiras dos quintais de subúrbio, com lembranças de brincadeiras infantis; as jaqueiras, que ocupam bordas de florestas nativas em tal profusão que hoje se tornaram importante recurso alimentar para a fauna – e um sério problema de invasão biológica.

Esta publicação traz vinte e quatro espécies introduzidas na cidade do Rio de Janeiro, presentes no cotidiano carioca, e que muitas vezes passam despercebidas diante da pressa e da tecnologia. Falaremos sobre seus locais de origem, características, usos e histórias. E de como fazem parte de nossas vidas e nossa memória.

Não há aqui qualquer cunho científico ou a pretensão de se criar um guia de identificação botânica; apenas aproximar o carioca de sua história natural cheia de paradoxos, porém rica e cosmopolita.

Boa leitura.

# AS ESPÉCIES

O critério de escolha das espécies foi a presença no inventário de cobertura arbórea realizado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e publicado em 2015. Foram selecionadas algumas espécies exóticas ao ambiente de Mata Atlântica original da cidade, o que incluiu tanto espécies de outros continentes e países, quanto espécies brasileiras sem ocorrência na cidade.

Foram reunidas informações gerais sobre as espécies, como origem e porte, informações referentes a potencial invasivo e outras interferências, seus usos e suas peculiaridades.

- Nome popular;
- Nome científico;
- Família;
- Local de origem;
- Porte;
- Período de Floração;
- Período de Frutificação;
- Polinização;
- Dispersão;
- Velocidade de crescimento;
- Usos e indicações;
- Potencial invasivo;
- Outras informações.

As fotos foram tomadas em prosaicos aparelhos de telefonia móvel, em câmeras com resolução de 14 Mp, modelos Motorola® Moto G séries 6 e 7. Resultam de caminhadas e observações eventuais, em especial nos subúrbios cariocas, centro da cidade e grandes parques.

Todas as fotos são do autor desta publicação, exceto onde indicado.

As imagens procuram ilustrar características marcantes das espécies, que permitam auxiliar na identificação pelo cidadão com um conhecimento empírico de botânica e que tenha interesse e curiosidade no assunto.

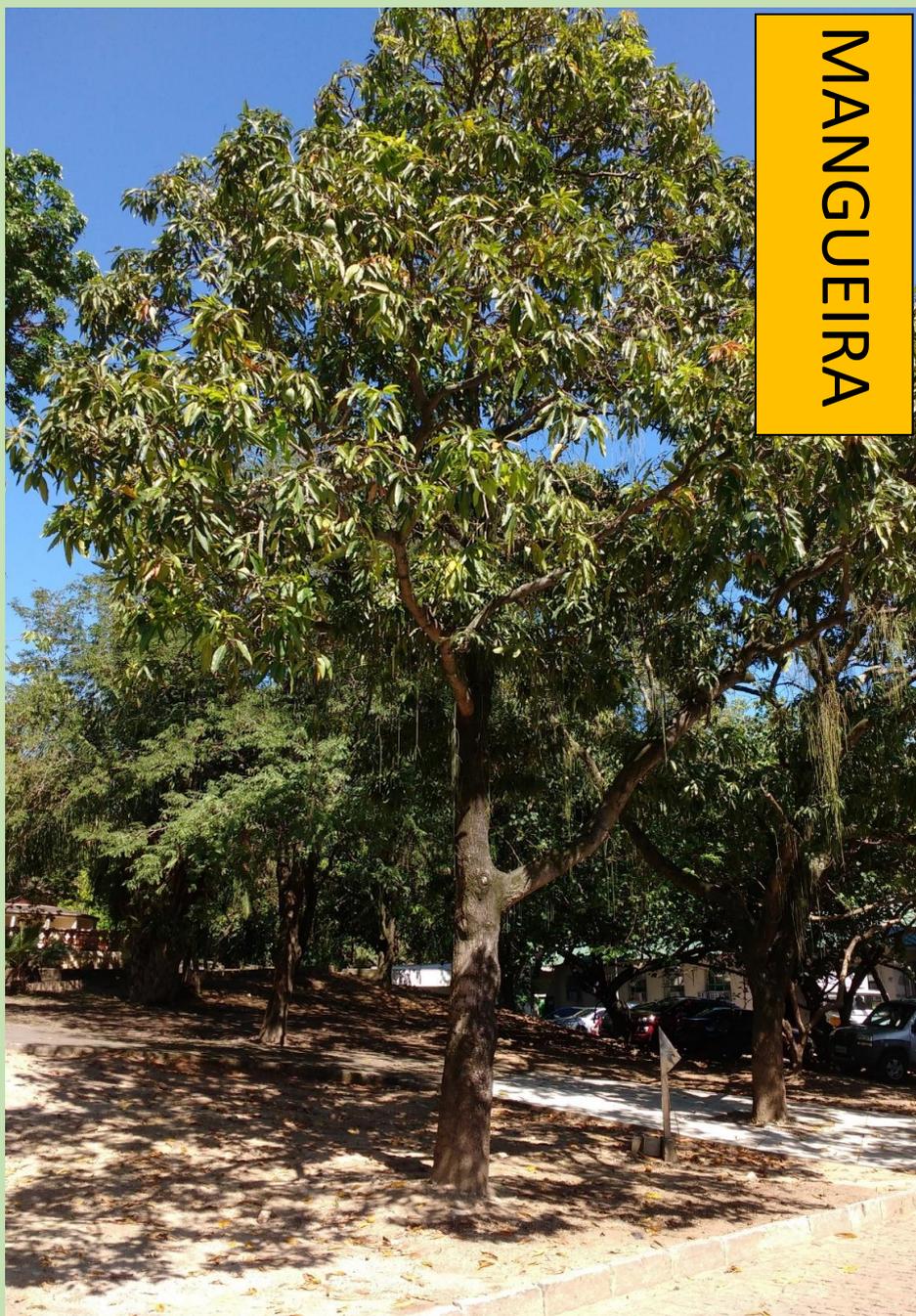
As espécies foram agrupadas por família botânica. Cada família possui um pequeno texto resumo de suas características gerais.

Muitas situações retratadas mostram conflitos entre o elemento arbóreo e a infraestrutura urbana, e este era justamente a ideia desta publicação: mostrar a interação entre a árvore e a cidade, com todas as suas consequências, incoerências, benefícios e, porque não dizer, a sua poesia.

# A NACARDIACEAE

Árvores, arbustos e ervas. Folhas alternas, compostas, raramente simples, sem estípulas, de margem inteira ou serrada. Plantas aromáticas, com cheiro de terebintina. Inflorescência geralmente cimosa, flores discretas. Frutos geralmente do tipo drupa ou sâmara.

# MANGUEIRA



# Mangueira

*Mangifera indica* L.

**Família:** Anacardiaceae

**Origem:** Sudeste Asiático

**Porte:** Até 30 metros.

**Período de Floração:** Agosto – Novembro

**Período de Frutificação:** Novembro – Fevereiro

**Síndrome de Polinização:** Autopolinização, miofilia

**Síndrome de Dispersão:** Autocoria

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Consumo *in natura* é a principal utilização, bem como a fabricação de doces, geleias e outros alimentos processados. Reporta-se uso medicinal em sua região de origem. Também há registro de obtenção de corantes e fixadores.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** É a maior árvore frutífera do mundo com diversas variedades comerciais. Inicia a frutificação aos dois anos, mas se torna comercialmente viável a partir dos quatro.



O tradicional e conhecido Morro da Mangueira tem seu nome emprestado de uma fábrica de chapéus existente na região. Originalmente a fábrica era conhecida como Fernandes Braga, mas devido à grande quantidade de mangueiras na região, passou a ser Fábrica de Chapéus Mangueira.

O nome era tão marcante, e provavelmente a fábrica era tão importante para a economia local, que a Estrada de Ferro Central do Brasil batizou a estação de trem construída em 1889 no local como Estação de Mangueira.

O nome Mangueira passou a batizar a comunidade situada na elevação ao lado da via férrea, enquanto outros trechos do morro mantiveram seus nomes originais, como Candelária e Telégrafo.

E foi um *outdoor* desta fábrica de chapéus, instalado do outro lado da cidade, no bairro do Leme, que batizou outra comunidade carioca situada bem em frente ao cartaz: o Morro do Chapéu Mangueira.

(Historiador Milton Teixeira; Silva, Cachaça e Oliveira Filho, 1980)

# CAJÁ-MANGA



# Cajá-manga

*Spondias dulcis* Park.

**Família:** Anacardiaceae

**Origem:** Tahiti

**Porte:** Até 15 metros.

**Período de Floração:** Março – Junho

**Período de Frutificação:** Dezembro – Janeiro

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

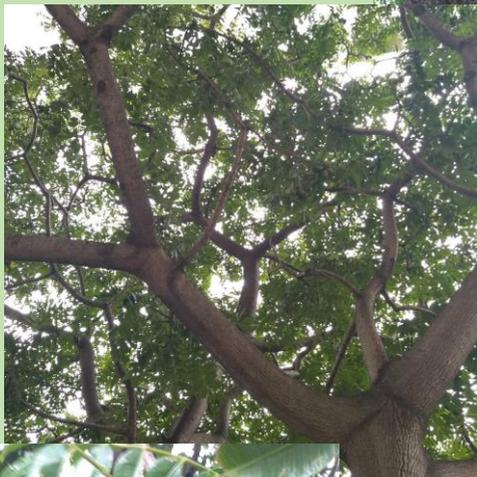
**Síndrome de Dispersão:** Autocoria, Quiropterocoria, Ornitocoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Consumo *in natura* dos frutos. Geleias, doces, compotas, sucos. Uso medicinal em suas áreas de origem. Construção de canoas.

**Potencial invasivo:** Não.

**Outras informações:** Se presta como porta-enxerto para espécies próximas do mesmo gênero *Spondias*.



O popular cajá-manga, presente em tantos quintais de infância, causa surpresa aos que descobrem não ser planta genuinamente brasileira. Originária do Taiti, foi introduzida no continente americano primeiramente na Jamaica em 1782, sendo posteriormente dispersa para diversos pontos dos trópicos.

O Taiti é um território ultramarino francês, parte da Polinésia Francesa, localizado na Oceania, no chamado Arquipélago das Ilhas da Sociedade. Os taitianos são cidadão franceses em pleno gozo de seus direitos, existindo até uma pequena universidade nesse remoto território.

As principais obras criadas pelo célebre pintor francês Paul Gauguin, amigo de Van Gogh, foram criadas em suas temporadas no Taiti a partir de 1890, que com o tempo se transformaram em residência permanente. O artista encontra-se sepultado em outro arquipélago polinésio, as Ilhas Marquesas.

([https://www.doc-developpement-durable.org/file/Arbres-Fruitiers/FICHES\\_ARBRES/prune%20de%20cythère/Spondias%20du%20lcis.pdf](https://www.doc-developpement-durable.org/file/Arbres-Fruitiers/FICHES_ARBRES/prune%20de%20cythère/Spondias%20du%20lcis.pdf); [https://en.wikipedia.org/wiki/Paul\\_Gauguin](https://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Gauguin))

# BIGNONIACEAE

Árvores, arbustos ou lianas. Folhas opostas, compostas, raramente simples, pinadas ou palmadas, de margem inteira ou serreada. Flores vistosas. Frutos geralmente do tipo síliqua.

# ESPATÓDEA



# Espatódea

*Spathodea campanulata* P. Beauv.

**Família:** Bignoniaceae

**Origem:** África Central

**Porte:** 15-20 m

**Período de Floração:** Abril - Maio, podendo acontecer ao longo do ano todo, de acordo com as condições climáticas.

**Período de Frutificação:** Julho – Setembro; segue o da frutificação, com frutos permanecendo por longo período na árvore.

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia e Ornitofilia (beija-flores)

**Síndrome de Dispersão:** Anemocoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** Reportada como tóxica para aves e abelhas. Considerada invasora por sua alta taxa de germinação de sementes e dispersão por vento. Na América Central é capaz de alterar trajetórias sucessionais de florestas nativas.



Foto da flor: <https://uenf.br/projetos/arvoresdauenf/especie-2/espatoidea/>

Ruivos são minoria na população humana. O gene recessivo MC1R é o responsável por essa característica, que nossos parentes neandertais já possuíam. Um estudo britânico de 1907 estimava 5% da população inglesa como ruiva; o IBGE, em 2000, num estudo sobre como as pessoas viam suas próprias características físicas, encontrou apenas 0,02% dos brasileiros se declarando ruivos.

O cantor e compositor Nando Reis, ex-integrante da famosa banda Titãs, tem cinco filhos. Mas apenas a filha Zoé é ruiva como o pai. Em homenagem a ela, Nando buscou inspiração numa bela árvore de flores alaranjadas chamada...espatódea.

*Espatódea, gineceu*

*Cor de pólen*

*Sol do dia*

*Nuvem branca sem sardas*

(Entrevista à época de lançamento da canção; Petrucelli, 2000; Gray, 1907).

# IPÊ-ROSA-DE-EL-SALVADOR



# Ipê-rosa-de El-Salvador

*Tabebuia rosea* (Bertol.) Bertero ex A.DC.

**Família:** Bignoniaceae

**Origem:** El Salvador

**Porte:** 15-20 metros

**Período de Floração:** Julho – Outubro

**Período de Frutificação:** Setembro – Dezembro

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Anemocoria

**Crescimento:** Rápido. Até 9 metros em três anos.

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização. Medicinal. Espécie madeireira.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** É a árvore símbolo de El Salvador. Estudos demonstram que é capaz de germinar tanto a plena luz quanto à sombra, caracterizando potencial invasor.



Foto da flor: [https://uforest.org/Species/T/Tabebuia\\_rosea.php](https://uforest.org/Species/T/Tabebuia_rosea.php)

Árvores estão integradas à cultura dos povos, a ponto de muitos países serem representados, inclusive oficialmente, por árvores. A bandeira libanesa tem um cedro-do-Líbano (*Cedrus libani*, Pinaceae), espécie citada na Bíblia. A bandeira canadense possui uma folha de bordo, *maple* (*Acer saccharum*, Aceraceae), importante para a economia do país desde a colonização anglo-francesa.

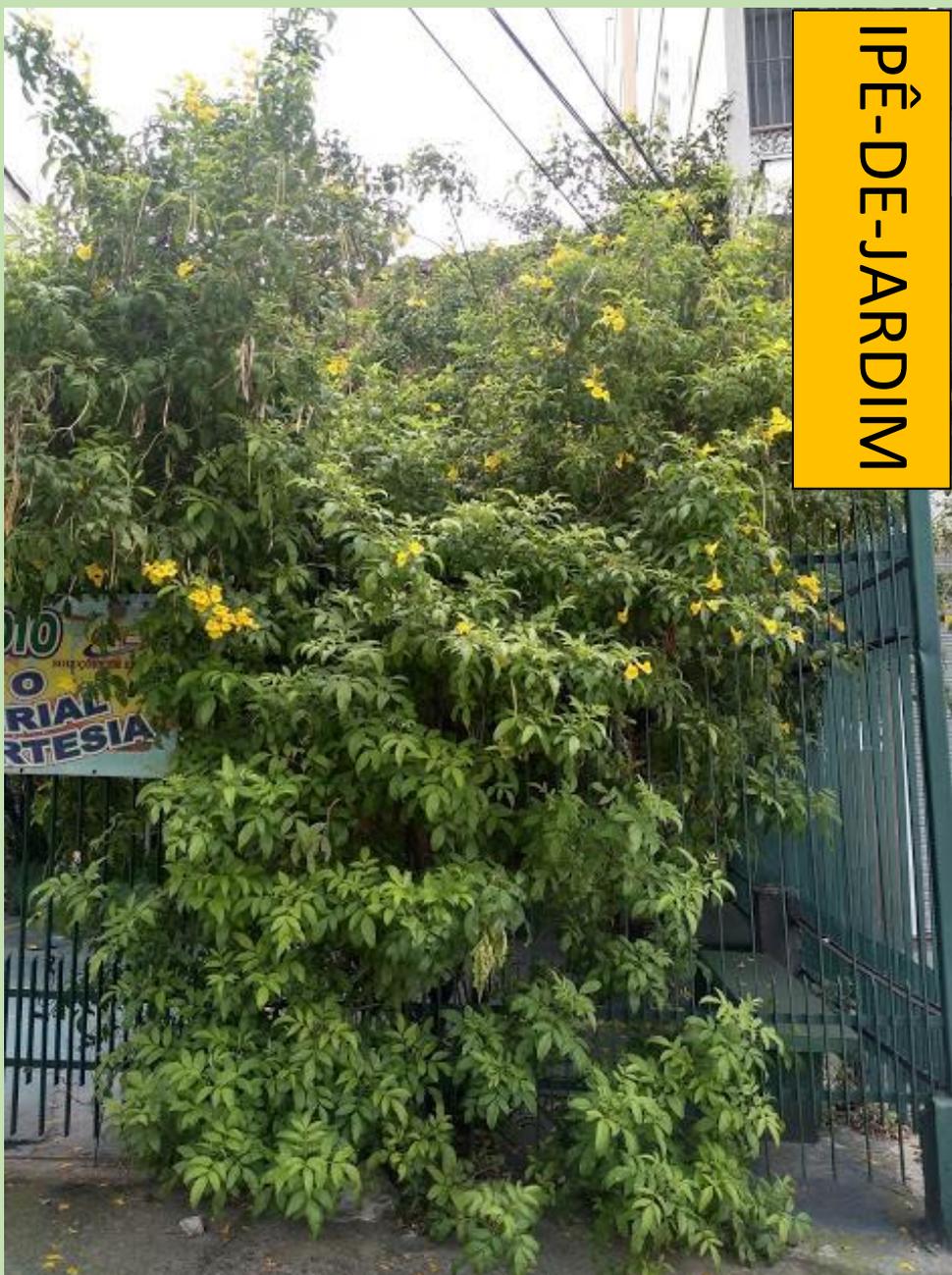
A despeito da crença do ipê-amarelo (do qual existem diversas espécies) ser a árvore símbolo do Brasil, não há qualquer legislação a esse respeito. Os Projetos de Lei 3380/1961, 2293/1974 e 882/1975 foram iniciativas que não tiveram fôlego para se transformarem em leis.

Mas um outro ipê, este sem ocorrência natural no Brasil, a *Tabebuia rosea*, é a árvore símbolo de El Salvador, o menor país da América Central. Foi assim declarada pelo Decreto Legislativo de El Salvador n.º 44 de 26 de junho de 1939.

A *Tabebuia rosea* tem por sinonímia botânica *Tabebuia pentaphylla*, cujo epíteto específico vem de *penta*, cinco, *phylla*, folhas. E seu nome indígena é *Maquilishuat*, que na língua nahuatl, significa exatamente cinco folhas.

(Diccionario de La Lengua Espanhola - <https://dle.rae.es/maquilishuat>)

# IPÊ-DE-JARDIM



# Ipê-de-jardim

*Tecoma stans*, (L.) Juss. ex Kunth.

**Família:** Bignoniaceae

**Origem:** México e Sul dos Estados Unidos.

**Porte:** 8 a 12 metros.

**Período de Floração:** Junho – Novembro

**Período de Frutificação:** Agosto – Fevereiro

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Anemocoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Paisagismo. Uso medicinal diverso. Usos menores da madeira (lenha, arcos).

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** Uma das espécies com maior capacidade de invasão, ocupando áreas degradadas e pastagens. Produz grande quantidade de sementes férteis e tem capacidade de propagação vegetativa.



\*

Os Tarahumaras, ou raramuris, do México, são os “pés ligeiros”, significado de seu nome. Talvez seja o único povo do mundo que tem a corrida como ponto central de toda a sua cultura.

Brigas e disputas são resolvidas em corridas de longuíssima distância, no lugar de duelos ou tribunais. Não é incomum que crianças em idade escolar corram dezenas de quilômetros em ida e volta para estudar. Mesmo as festividades envolvem corridas, que podem durar dias.

Festas regadas a muita cerveja à base de milho.

E em sua medicina tradicional, hoje revalorizada, o prosaico ipê-de-jardim, por eles denominado *kusí urákame*, é uma das plantas mais importantes, do tipo que todo mundo tem em casa para uso imediato. As flores amarelas se tornam chá para tratar febres, e a medicina dita civilizada já reconhece seu poder antidiabético.

(Irigoyen-Ráscon e Paredes, 2015; McDougall , 2010)

# C

## HRYSOBALANACEAE

Árvores, arbustos ou lianas. Folhas alternas, com estípulas, geralmente discolores, de margem lisa. Inflorescências racemosas. Fruto do tipo drupa.

OITI



# Oiti

*Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch

**Família:** Chrysobalanaceae

**Origem:** Região Nordeste do Brasil.

**Porte:** 8 a 15 metros

**Período de Floração:** Junho - Agosto

**Período de Frutificação:** Novembro - Março

**Síndrome de Polinização:** Anemofilia, Cantarofilia

**Síndrome de Dispersão:** Quiropterocoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Madeira de boa qualidade. Construção civil, postes, estacas, embarcações. Paisagismo e arborização. Restauração ecológica.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** O nome oiti tem etimologia duvidosa, sendo corrente a tradução “fruto de polpa fibrosa”.



O oiti é uma das árvores mais plantadas na arborização urbana na cidade do Rio de Janeiro. Talvez o fato de ter sido recomendada ao Imperador Dom Pedro II pelo próprio paisagista Auguste Glaziou tenha dado a ela maior destaque, no entanto é reconhecida hoje em dia por especialistas como uma das melhores espécies para esta finalidade.

E é muito curioso que, a despeito de ter uma distribuição geográfica conhecida, a origem exata da espécie ainda seja um mistério. Parece ser uma daquelas árvores cuja distribuição esteja estritamente ligada às migrações humanas dentro do Brasil. Há evidências de ter sido uma importante fonte de alimento na região Nordeste, no Brasil Pré-Histórico.

(Coimbra-Filho e Magnanini, 2014; Martin, 2007)

# COMBRETACEAE

Árvores, arbustos ou lianas. Folhas alternas, geralmente concentradas no ápice dos ramos (congestas), sem estípulas, margem inteira. Ocasionalmente as folhas possuem nectários extraflorais. Inflorescência geralmente racemosa. Flores discretas. Fruto drupa ou sâmara.

# AMENDOEIRA



# Amendoeira

*Terminalia catappa* L.

**Família:** Combretaceae

**Origem:** Sudeste Asiático.

**Porte:** 12 a 15 metros.

**Período de Floração:** Dezembro – Abril

**Período de Frutificação:** Praticamente todo o ano, com pico em fevereiro.

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Quiropterochoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Madeira de boa qualidade. Construção civil, marcenaria, movelaria, postes. As amêndoas fornecem óleo de boa qualidade. Uso medicinal, particularmente as cascas. Paisagismo e arborização.

**Potencial invasivo:** Sim, sendo particularmente invasora de restingas e manguezais.

**Outras informações:** Usada na construção das famosas canoas polinésias.



A amendoeira tem introdução controversa em nosso país. Oriunda da Ásia, há quem diga que chegou até nós na esquadra de Cabral, como lastro para as caravelas; não se sabe se o cultivo foi intencional ou acidental. A espécie encontra-se naturalizada há tanto tempo em nosso litoral que já faz parte da paisagem. Diversos escritores citam as amendoeiras em suas obras. Carlos Drummond de Andrade, em 1957, lançou o livro “Fala Amendoeira”, onde uma das crônicas, de mesmo nome, cita:

*...É como se o cronista, lhe perguntasse – Fala, amendoeira – por que fugia ao rito de suas irmãs, adotando vestes assim particulares, a árvore pareceu explicar-lhe:*

*--- Não vê? Começo a outonear. É 21 de março, data em que as folhinhas assinalam o equinócio do outono. Cumpro meu dever de árvore, embora minhas irmãs não respeitem as estações.*

O que claramente se refere à perda de folhas da espécie nas estações mais frias.

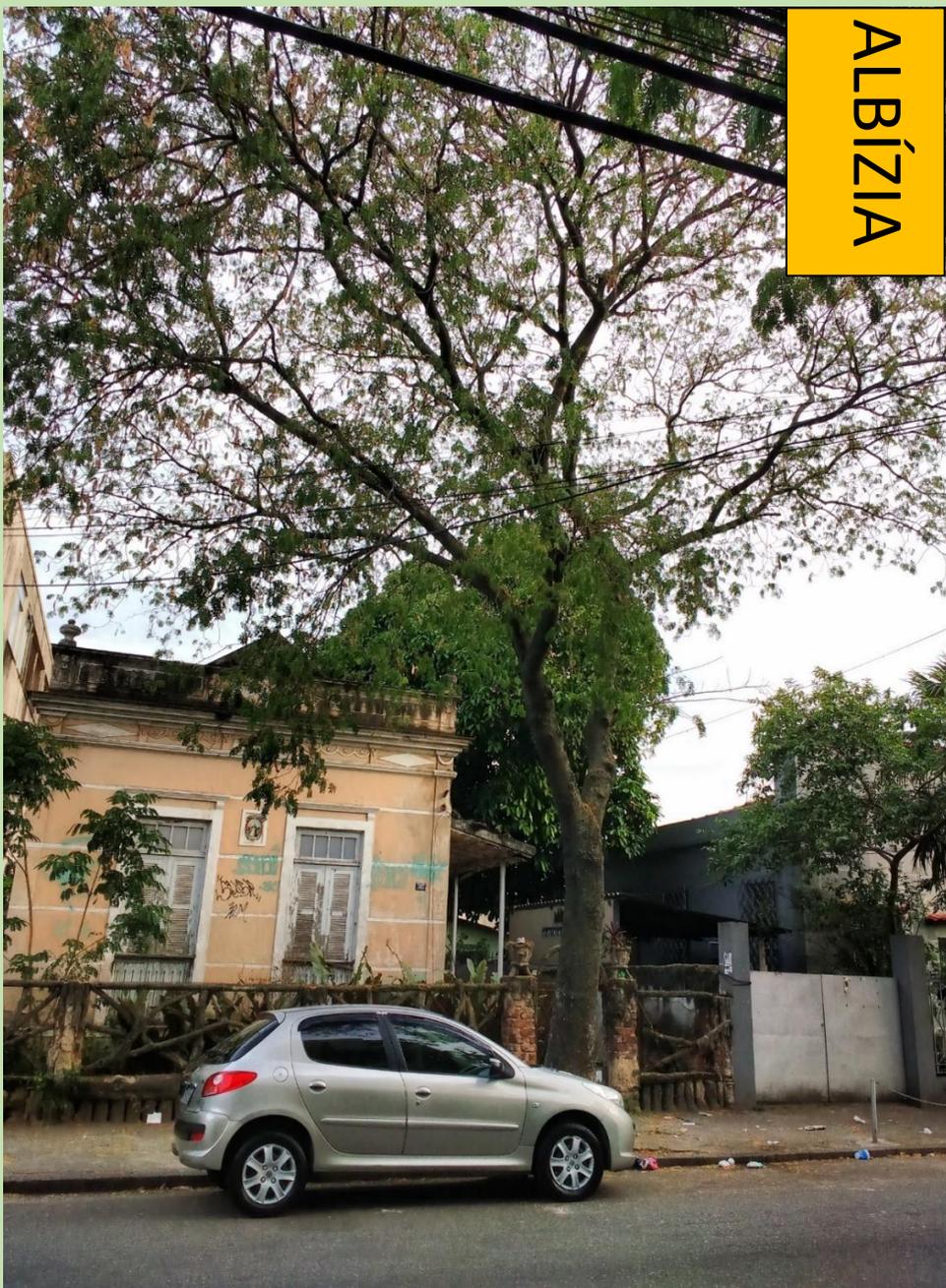
Também Rubem Braga e Millôr Fernandes citam a espécie em suas obras. Millôr chega a tomar partido da amendoeira em crônicas na década de 1990, período em que a prefeitura do Rio de Janeiro proibiu seu plantio em logradouros. Uma infinidade de bares cariocas tem a amendoeira em seus nomes, sejam eles a razão social, sejam seus nomes populares – que, afinal, são os que valem de verdade.

(A versão da introdução é a de Plucênio, Dechoum e Castellani, 2013)

# FABACEAE

Árvores, arbustos, ervas ou trepadeiras. Folhas alternas (raramente opostas), compostas (raramente simples), às vezes unifolioladas, ou soldadas, com estípulas, as vezes transformadas em espinhos. Frequentemente com nectários extra florais. Eventuais pontuações translúcidas das folhas. Folíolos com bordo inteiro ou serreado. Inflorescências em ráceros, panículas ou capítulos. Frutos do tipo legume, raramente drupas ou bagas. Quatro subfamílias: Mimosoideae, Faboideae, Caesalpinoideae e Cerciideae.

ALBÍZIA



# Albícia

*Albizia lebbek* (L.) Benth.

**Família:** Fabaceae

**Origem:** Sudeste Asiático

**Porte:** 18 a 25 metros

**Período de Floração:** Março – Abril

**Período de Frutificação:** Setembro – Dezembro

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Autocoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Possui madeira de boa qualidade. Uso medicinal variado. Sombreamento de plantações. Sistemas agroflorestais. Forragem. Melhoramento de solos degradados.

**Potencial invasivo:** Sim. Alta taxa de germinação de sementes, dispersão secundária pelo vento.

**Outras informações:** Seus frutos permanecem por longos meses secos com sementes em sua copa, conferindo um som característico de chocalho quando atingidos pelo vento. Um de seus nomes comuns é justamente “chocalho de cobra”.



A albízia é originária do subcontinente indiano, sendo citada em antigos textos de medicina ayurvédica com o nome vernacular *Shirish*. Ao ser introduzida na Europa, o foi através do nobre Filipo de Albizzi, que a cultivou em seu jardim, em Florença. E o florentino acabou emprestando seu nome ao gênero.

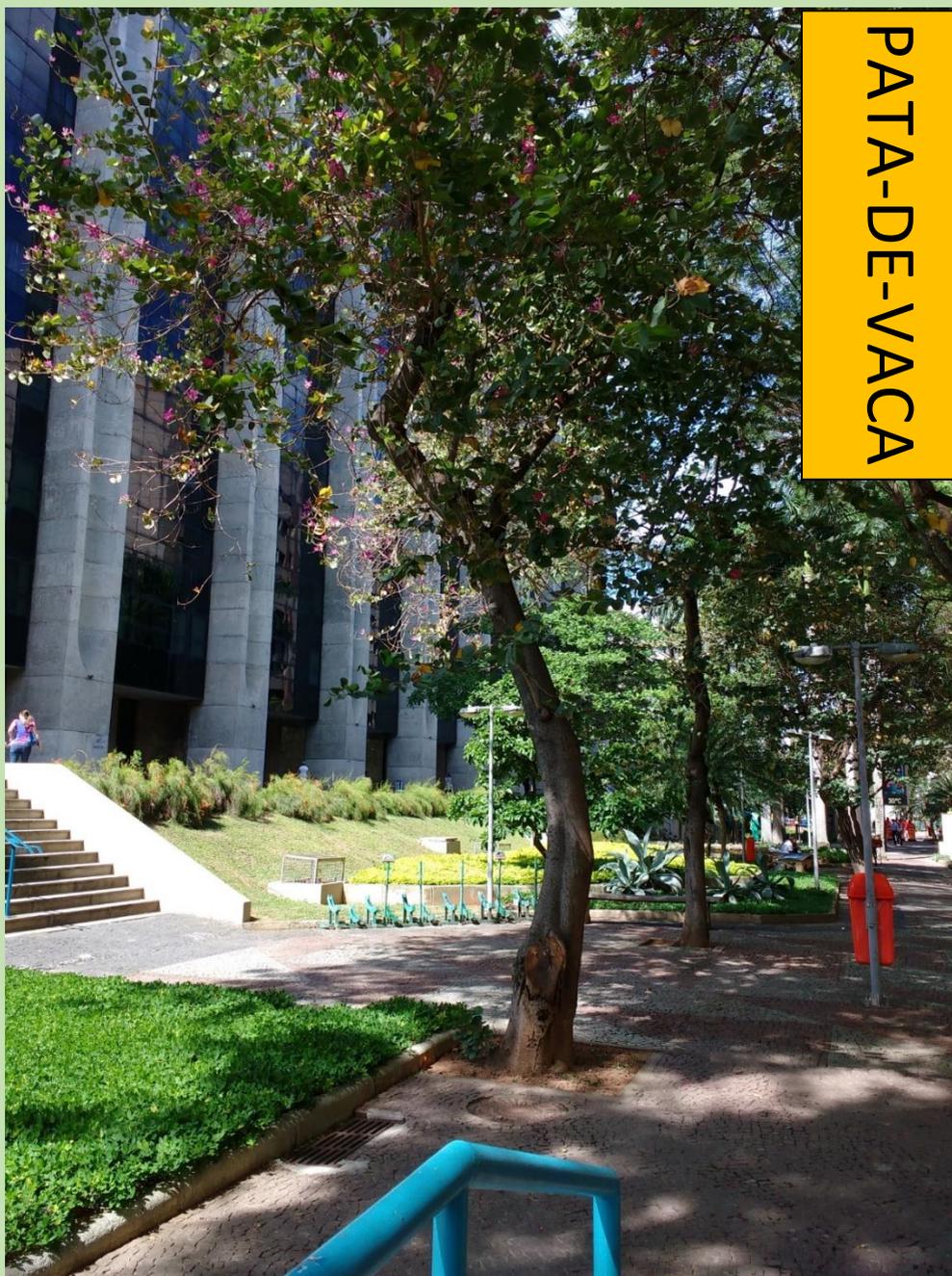
O epíteto específico *lebbeck* faz alusão ao som de seus frutos secos, chacoalhando ao sabor do vento.

A medicina ayurvédica tem mais de cinco mil anos de história, e se baseia na doutrina dos três humores e cinco elementos. Nesta tradição, a *Albizia lebbeck* é um antídoto universal contra vários tipos de envenenamento.

A espécie costuma estar presente nos bosques sagrados da Índia, junto a *Ficus glomerata* e muitas outras espécies, constituindo repositórios de biodiversidade em escala regional. Também está presente na arte de templos budistas, frequentemente representando o próprio Buda.

(Krishna e Amirthalingam, 2014; Mishra, Gothecha e Sharma, 2010)

PATA-DE-VACA



# Pata-de-vaca

*Bauhinia variegata* L.

**Família:** Fabaceae

**Origem:** China e Subcontinente Indiano.

**Porte:** Entre 7 e 10 metros

**Período de Floração:** Setembro – Novembro

**Período de Frutificação:** Janeiro – Novembro

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia. Também é visitada por borboletas (Psicofilia). Igualmente atrativa para aves.

**Síndrome de Dispersão:** Autocoria e Anemocoria.

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização. Forragem. Uso das folhas na medicina popular como antidiabética.

**Potencial invasivo:** Sim. As sementes são facilmente dispersas e se mantêm viáveis por período superior a um ano.

**Outras informações:** A floração e frutificação da espécie acontecem praticamente o ano inteiro, e variam com a região de cultivo. Os períodos fenológicos descritos mostram os picos de produção de flores e frutos.



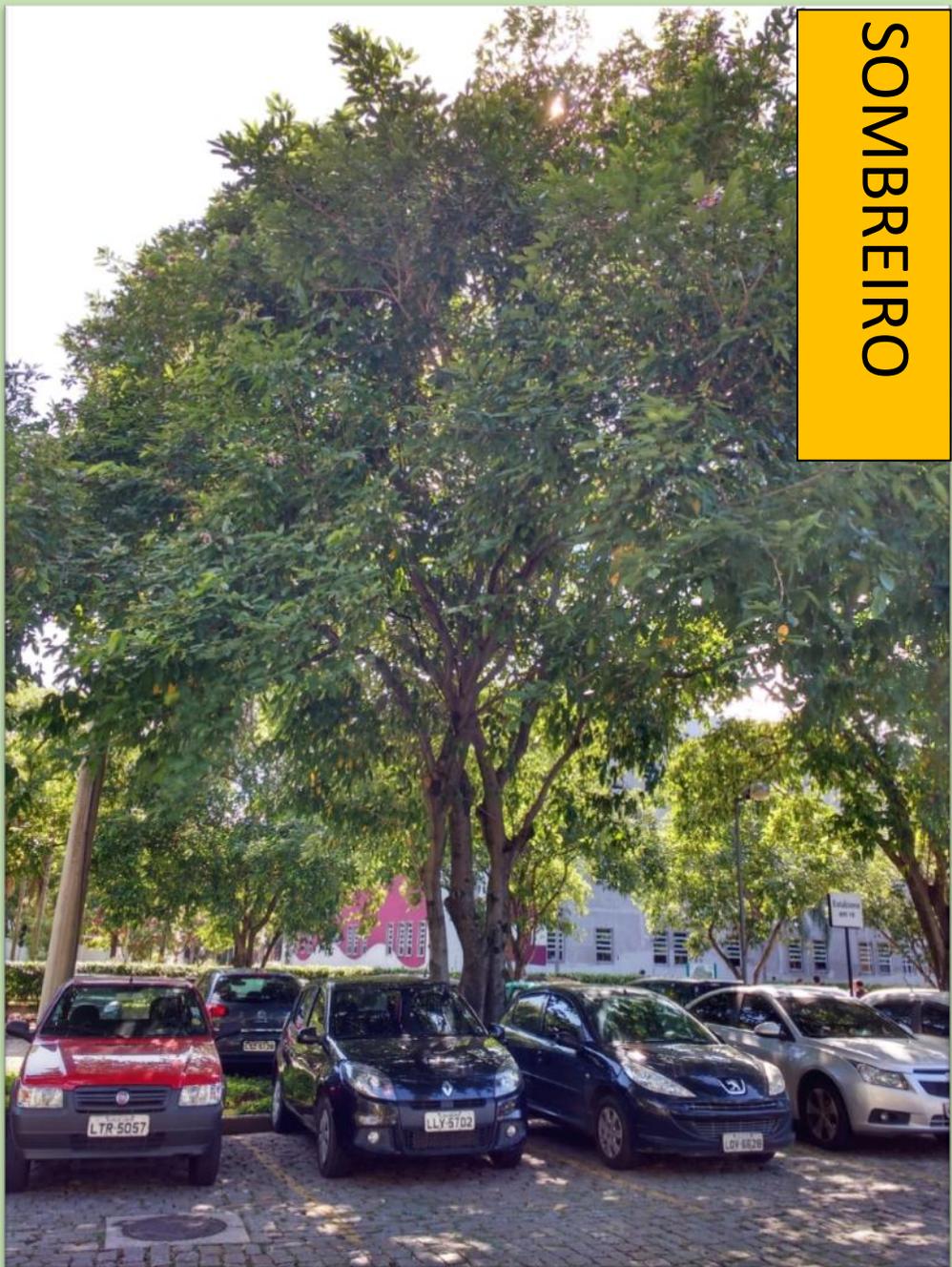
O gênero *Bauhinia* homenageia os irmãos Johann e Gaspard Bauhin, botânicos suíços da virada dos séculos XVI para XVII. Talvez os dois folíolos soldados, típicos do gênero e que são a origem do nome popular pata-de-vaca, ou casco-de-vaca, ou unha-de-vaca, tenham sugerido essa ideia de união fraterna.

É uma espécie citada nos textos védicos da Índia, sendo denominada na medicina ayurvédica como Kanchnar, Gandari, Yugmapatra e Karbudara. É o elemento central de várias preparações importantes desta doutrina.

Hibridiza com a espécie próxima *Bauhinia purpurea*, gerando a estéril *Bauhinia blakeana*, árvore cuja flor é o símbolo de Hong Kong, presente na bandeira da cidade-estado.

(Kare, Kishore e Sharma, 2018)

# SOMBREIRO



# Sombreiro

*Clitoria fairchildiana* R.A.Howard

**Família:** Fabaceae

**Origem:** Região Amazônica

**Porte:** Até 12 metros

**Período de Floração:** Dezembro-Março

**Período de Frutificação:** Maio - Junho

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Autocoria, pela explosão dos frutos.

**Crescimento:** Rápido, chegando a 5 metros em 2 anos.

**Usos e indicações:** Arborização urbana, paisagismo, recuperação de solos (por ser fixadora de nitrogênio), espécie florestal adubadora em sistemas agroflorestais, pasto apícola, construção civil, caixotaria, celulose, movelaria, tacos, lambris, forros, extração de óleo comestível das sementes.

**Potencial invasivo:** Sim. Alta produção de sementes, alto poder germinativo e rápido crescimento.

**Outras informações:** *Clitoria* deriva de clitóris, por comparação com a disposição das pétalas.



O sombreiro tem por nome científico *Clitoria fairchildiana*, sendo o gênero uma referência à anatomia feminina e o nome específico a lembrança de David Grandison Fairchild (1869 - 1954), um botânico estadunidense, pertencente aos quadros do *United States Department of Agriculture* (USDA) e responsável pela introdução de muitas espécies de interesse econômico nos Estados Unidos e seus territórios.

Foi introduzida em outros países, como Porto Rico, Filipinas e Singapura. Em Singapura é muito apreciada em arborização de rodovias, como aqui. Também é relatado o uso de suas flores como comestíveis. Se prestam à substituição das flores de outra espécie do gênero igualmente introduzida no país, a *Clitoria ternata*, como corante azul de um de seus pratos típicos, o *peranakan kueh*, uma espécie de bolo de arroz gelatinoso. Suas raízes fazem parte da medicina local como antiinflamatório.

(<https://www.nparks.gov.sg/florafaunaweb/flora/2/8/2814>)



**FLAMBOYANT**

# Flamboyant

*Delonix regia* (Bojer ex Hook.) Raf.

**Família:** Fabaceae

**Origem:** Madagascar

**Porte:** 7 a 16 metros

**Período de Floração:** Outubro – Dezembro

**Período de Frutificação:** Março – Julho

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Autocoria

**Crescimento:** Rápido. Até 1,5 metros no primeiro ano.

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização. Lenha.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** Seu nome, em francês, significa “flamejante”, por florescer em pleno verão e pelo vermelho vivo de suas flores.



A Índia possui uma cultura milenar, na qual a religião é um fator que molda a sociedade através do tempo. Hinduísmo, Islamismo, Jainismo, Siquismo, entre outras, fazem parte do caldeirão multicultural e multirreligioso do grande subcontinente Indiano.

Há poucos cristãos na Índia, e como os cristãos de qualquer lugar do mundo, têm sua crença influenciada em maior ou menor grau pelas tradições locais. A região de Kerala, no sul do país, possui uma comunidade denominada “Saint Thomas Christians”, que acredita que o apóstolo Tomé esteve na Índia durante seu ministério. Este grupo sincretiza elementos cristãos, hindus, judaicos e siríacos em seus ritos e crenças.

E esta comunidade chama o flamboyant *kaalvarippoo*, pois contam que na crucificação, no Calvário, havia um exemplar da espécie próximo à cruz, e o sangue de Jesus, aspergido sobre a planta, tornou suas flores no tom vermelho vivo que tanto causa admiração.

(Do livro “Kerala Immigrants in America: A Sociological Study of the St. Thomas Christians”)



LEUCENA

# Leucena

*Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit

**Família:** Fabaceae

**Origem:** América Central.

**Porte:** Até 5 metros (tipo Havaí), até 15 metros (tipo Peru), até 20 metros (tipo Salvador).

**Período de Floração:** Praticamente todo o ano.

**Período de Frutificação:** Praticamente todo o ano.

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Autocoria e Anemocoria.

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Recuperação de solos degradados. Forragem. Lenha, Sistemas Agroflorestais.

**Potencial invasivo:** Sim. Sementes leves dispersas pelo vento. Alta taxa de germinação. É uma das 100 espécies com maior potencial invasivo em todo o mundo. Invade principalmente áreas sob alteração antrópica.

**Outras informações:** A frutificação da espécie é precoce, sendo possível observar indivíduos com vagens já aos seis meses após a germinação. A cidade do Rio de Janeiro apresenta grandes extensões ocupadas pela espécie.



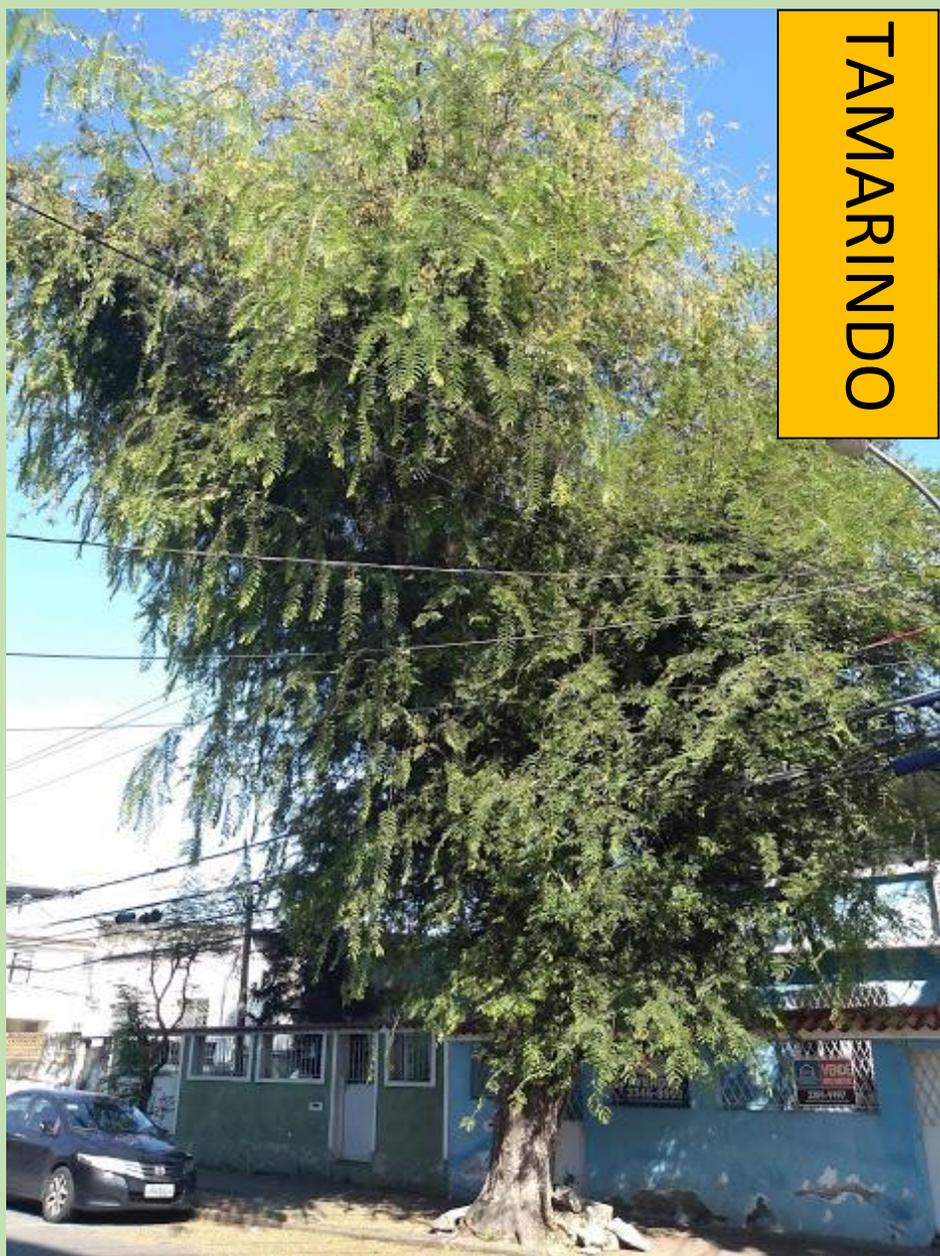
A leucena é uma árvore que, a despeito de sua abundância em ambientes alterados, muitas vezes passa despercebida no dia-a-dia do carioca. No entanto, trata-se de uma espécie com longa história de utilização em sua região natural de ocorrência. Existem 22 espécies no gênero *Leucaena*, e registros de uso contínuo deste grupo vegetal por povos pré-colombianos há pelo menos sete mil anos

Sua importância pode ser medida por seus muitos nomes. No México, seu principal centro de dispersão, é conhecida como *guaje*, que deriva de *uaxi*, palavra da língua ancestral *nahuatl*, que significa vagem. E é a raiz do nome do estado mexicano de Oaxaca.

A espécie *Leucaena leucocephala* começou sua dispersão pelo trópico através da movimentação dos espanhóis por suas colônias, a começar pelas Filipinas, seguindo depois para toda a região tropical, onde se tornou uma espécie multipropósito, embora em muitos casos tenha escapado do controle

(Do livro “Origem e Evolução de Plantas Cultivadas”, Barbieri e Stumpf, 2008)

# TAMARINDO



# Tamarindo

*Tamarindus indica* L.

**Família:** Fabaceae

**Origem:** África Tropical e Índia

**Porte:** 10 a 15 metros

**Período de Floração:** Setembro – Outubro

**Período de Frutificação:** Dezembro – Março

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

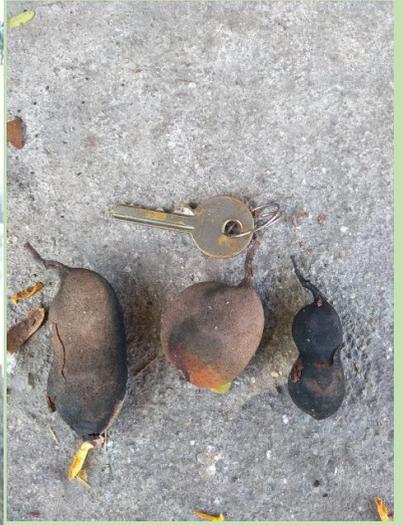
**Síndrome de Dispersão:** Mamalocoria

**Crescimento:** Lento

**Usos e indicações:** Árvore multipropósito. Frutos utilizados na alimentação, em especial consumo *in natura*, doces e sucos. Flores comestíveis. Paisagismo e arborização. Aceiro verde. Madeira de boa qualidade para diversos fins. Carvão. Sementes torradas podem substituir o café em tempos de escassez.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** Apesar de não encontrado em bibliografia, foi observada floração dos indivíduos das fotos em fevereiro e março de 2020. As folhas são sensíveis.



Uma das maiores tradições do carnaval carioca é o bloco Cacique de Ramos, que apesar do que sugere o nome, fica localizado no bairro vizinho de Olaria. Da quadra deste bloco saíram inúmeros artistas de sucesso no mundo do samba, como Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Dudu Nobre e o grupo Fundo de Quintal, criado pela família fundadora do Cacique, tendo à frente Ubirajara Félix do Nascimento, o famoso Bira Presidente.

Do Fundo de Quintal ainda saíram Arlindo Cruz, Sombrinha e Jorge Aragão.

Sobre a escolha do local para a quadra do Cacique, Bira, filho de mãe de santo que teve a cabeça feita por Mãe Menininha do Gantois, em entrevista de 2012, conta que

“A Mãe Menininha, naquela época, pediu para a gente procurar um terreno em um lugar onde tivesse uma árvore, e que ela gostaria de colocar um preceito para abrir as portas cada vez mais do Cacique de Ramos. Essa tamarineira, então, foi colocado o preceito. Eu fui o primeiro a ser agraciado. Nós criamos o Fundo de Quintal e o grupo se tornou um dos maiores movimentos culturais, não só do Rio de Janeiro, mas do Brasil”

E a árvore escolhida talvez seja a tamarineira mais famosa da cidade do Rio de Janeiro. Diz a tradição que aquele de bom coração e com um propósito firme, se fizer seus pedidos à sombra desta tamarineira, será atendido. E todos os citados no início desse texto se abrigaram à sombra desta tamarineira no início de suas carreiras.

(Gachet, 2017; Reportagem do site G1, 18/02/2012; Pereira, 2003)

# MALVACEAE

Árvores, arbustos, ervas, lianas. Plantas de ritidoma armado (espinhos) ou inerme. Folhas alternas, simples ou compostas digitadas, com estípulas caducas. Muitas vezes possuem glândulas no limbo. Flores vistosas. Pecíolos longos. Frutos geralmente secos, do tipo cápsula.

MUNGUUBA



# Munguba

*Pachira aquatica* (Bojer ex Hook.) Raf.

**Família:** Malvaceae

**Origem:** Região Amazônica ao Maranhão.

**Porte:** 6 a 14 metros.

**Período de floração:** Setembro – Novembro

**Período de frutificação:** Abril – Junho

**Síndrome de polinização:** Quiropterocoria

**Síndrome de dispersão:** Autocoria

**Crescimento:** Rápido, até 3,5 metros em 2 anos.

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização. Sementes comestíveis.

**Potencial invasivo:** Alto.

**Outras informações:** Introduzida na arborização urbana na cidade do Rio de Janeiro pelo ilustre paisagista francês A.F.M. Glaziou, na segunda metade do século XIX.



A obra “História dos Animais e Árvores do Maranhão” foi escrita pelo frei franciscano português Cristóvão de Lisboa. Sua missão era evangelizar índios no Nordeste, tendo chegado ao Maranhão após passar por Pernambuco, recém-tomada pelos holandeses, e Bahia. Lá permaneceu até 1635, quando retornou a Portugal.

Além de sua missão primária, Frei Cristóvão descreveu plantas e animais do Maranhão, valendo-se do diálogo que mantinha com os povos locais em seu processo de evangelização. E em suas descrições há uma árvore que os indígenas chamavam *ibomguiva*, que

*“...é uma árvore tamanha como macieira e a fruta é da própria forma de um melão; e o casco é pau todo cheio de castanhas que salgado com sal e água é muito bom comer; a flor é desta maneira que está pintada e a cor rosada, amarela e branca, e tem muito grande quantidade ao longo dos rios e fontes”.*

E de *ibomguiva*, com pouquíssima alteração fonética em quase quatro séculos, chegou a nossos tempos a nome munguba.

(Peixoto e Escudeiro, 2002)

# MELIACEAE

Árvores, arbustos. Folhas alternas, compostas pinadas, raramente bipinadas, sem estípulas. Gênero *Guarea* possui folhas com gema de crescimento. Broto terminal lembrando uma mão fechada. Inflorescência cimoso. Flores discretas. Fruto tipo cápsula.



PÁRRA-RAIO

# Pára-raio

*Melia azedarach* L.

**Família:** Meliaceae

**Origem:** Índia e China.

**Porte:** Até 40 metros.

**Período de Floração:** Setembro-Novembro

**Período de Frutificação:** Janeiro-Março

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Autocoria

**Crescimento:** Rápido, chegando a 2,5 metros em um ano.

**Usos e indicações:** Movelaria de luxo, serraria, compensados, estacas e vigas. Poder inseticida concentrado em folhas e frutos. Arborização e paisagismo. Sistemas silvopastoris.

**Potencial invasivo:** Sim, por alelopatia e sombreamento das demais espécies.

**Outras informações:** *Melia* vem do nome grego para a árvore freixo (*Fraxinus*), que por sua vez vem de mel, devido à exsudação adocicada dos troncos de ambas espécies.



Originária da Índia e introduzida no Brasil pelos portugueses, *Melia azedarach* é um autêntico testemunho da amalgamação de culturas presente em todo o mundo. O gênero *Melia* é o nome grego para a árvore do freixo, sagrada para os povos celtas. Ao ser trazida ao Brasil pelos portugueses, veio também um de seus nomes populares, muito comum no interior: Santa Bárbara.

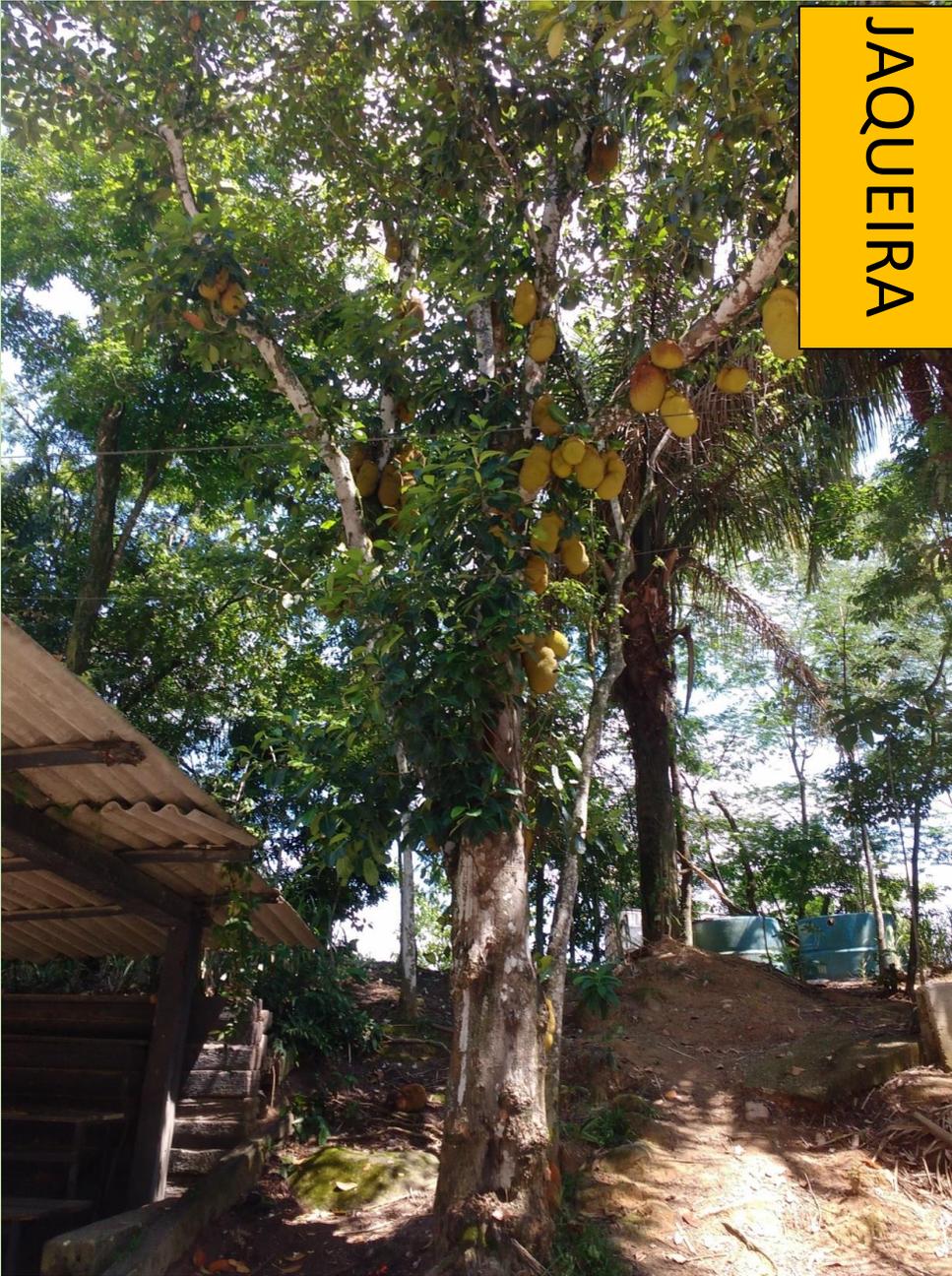
O sincretismo religioso no Brasil originou-se da proibição dos povos africanos escravizados em relação ao culto de suas divindades; para burlar a perseguição, eram atribuídos nomes de santos católicos às deidades africanas. Assim, Bárbara de Nicomédia é associada ao relâmpago, que fulminou seu traiçoeiro pai, responsável pelo martírio e execução da que posteriormente seria reconhecida pelo catolicismo como santa, por morrer sem renegar a sua fé. A africana Iansã, por sua vez, ou Oyá, seu nome primevo segundo a mitologia iorubá, tem o domínio dos elementos atmosféricos, incluindo os relâmpagos, sendo também de personalidade forte e com domínio de seu próprio destino.

A associação entre ambas é bastante óbvia. E grandes árvores, isoladas em meio a pastagens, um uso bastante difundido entre *Melia azedarach*, são atrativos para relâmpagos em dias ou noites de tempestade. O autor desse texto já testemunhou, em seu tempo de estudante, um destes exemplares ser destruído por um raio.

(Passos, 2008; Guilley, 2001)

# MORACEAE

Ervas, arbustos, árvores ou lianas. Plantas com látex. Folhas alternas, com estípulas geralmente terminais em forma de esporão. Margem lisa, aculeada no gênero *Sorocea*. Inflorescência em ráceros ou formando sicônios (gênero *Ficus*). Flores incospícuas. Fruto do tipo drupa ou aquênio, às vezes formando a infrutescência também chamada sicônio.



**Jaqueira**

# Jaqueira

*Artocarpus heterophyllus* Lam.

**Família:** Moraceae

**Origem:** Índia e Ásia Tropical.

**Porte:** Até 25 metros.

**Período de Floração:** O ano inteiro.

**Período de Frutificação:** O ano inteiro.

**Síndrome de Polinização:** Anemocoria e Entomofilia (insetos diversos).

**Síndrome de Dispersão:** Barocoria e Zoocoria.

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Frutos nutritivos apreciados pelo homem, fauna nativa e animais domésticos. As sementes podem ser consumidas cozidas, torradas ou em forma de doces. Frutos verdes utilizados em preparações salgadas. As sementes se prestam à produção de pomadas para cicatrização de queimaduras. Madeira de excelente qualidade, inclusive para movelaria de luxo. Sistemas agroflorestais.

**Potencial invasivo:** Sim, especialmente em bordas de floresta e ambientes antropizados.

**Outras informações:** Espécie comum em quintais.



As jaqueiras são testemunhos da ocupação humana na Mata Atlântica. Oriunda do Sudeste Asiático, o primeiro registro da espécie no país é de 1682, embora oficialmente a introdução seja datada de 1683. Na cidade do Rio de Janeiro há registro de indivíduos naturalizados já em 1803, levando a crer que ainda no século XVIII fora aqui introduzida; no entanto acredita-se que sua grande expansão se deu a partir do reflorestamento iniciado em 1862 no maciço da Tijuca, no qual foram utilizadas como peça-chave, diz-se que por conta de sobreviverem às condições extremas oriundas da degradação pretérita. Havia pouca disponibilidade de água, e a espécie conseguiu sucesso na ocupação da área.

Estudos realizados no Parque Nacional da Tijuca mostram a distribuição espacial da jaqueira associada a áreas alteradas pelo homem, como trilhas e clareiras abertas há séculos para produção carvoeira. Nestes locais, a jaqueira é quase onipresente, atestando sua estreita ligação com o ser humano, apreciador de seus frutos.

A despeito de ser espécie exótica e hoje ser considerada uma espécie invasora, a jaqueira foi fundamental na construção de uma das florestas urbanas mais importantes do mundo.

(Solórzano, Sales e Oliveira, 2017; Gomes, 2006)

# BERINGAMI



# Beringam

*Ficus benjamina* L.

**Família:** Moraceae

**Origem:** Ásia e Oceania.

**Porte:** 20 a 30 metros

**Período de Floração:** Outubro - Dezembro

**Período de Frutificação:** Janeiro - Março

**Síndrome de Polinização:** Entomofilia (vespas).

**Síndrome de Dispersão:** Ornitocoria

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização.

**Potencial invasivo:** Não observado.

**Outras informações:** Copa de grande diâmetro, alcançando 30 metros. Ramos pendentes (deliquescentes), diferenciando-a de outras figueiras. Não produz sementes férteis, sendo propagada apenas por estacas; provavelmente não existe no Brasil vespa capaz de polinizá-la. Observada com frutos nas fotos tomadas nesta publicação nos meses de janeiro a março de 2020. Os frutos atraem pássaros.



Diversas culturas incluem o uso do incenso em seus ritos sagrados; é uma tradição de milênios presente em regiões tão diversas quanto a Babilônia e o continente Americano.

Os incensos utilizam misturas de folhas, resinas e óleos aromáticos, e seu nome vem do latim *incendere*, acender, o que termina por aparentá-lo aos perfumes, do mesmo latim *per fumum*, da fumaça.

Segundo Mateus, 2:11, o incenso é um dos presentes que Jesus recebeu dos Reis Magos:

*Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então abriram os seus tesouros e lhe deram presentes: ouro, incenso e mirra.*

(Mateus 2:11)

A goma benjoim é um componente importante dos incensos, sendo retirada da árvore benjoeiro (*Styrax benzoin*, Styracaceae). No entanto, *Ficus benjamina* é relatada como uma outra fonte de extração deste elemento tão significativo para o sagrado de muitos povos.

(Carauta e Diaz, 2002; Lucas, 1930)

# FALSA-SERINGUEIRA



# Falsa-seringueira

*Ficus elastica* L.f.

**Família:** Moraceae

**Origem:** Ásia.

**Porte:** Até 30 metros.

**Período de Floração:** Novembro - Fevereiro

**Período de Frutificação:** Novembro - Fevereiro

**Síndrome de Polinização:** Entomofilia (vespas).

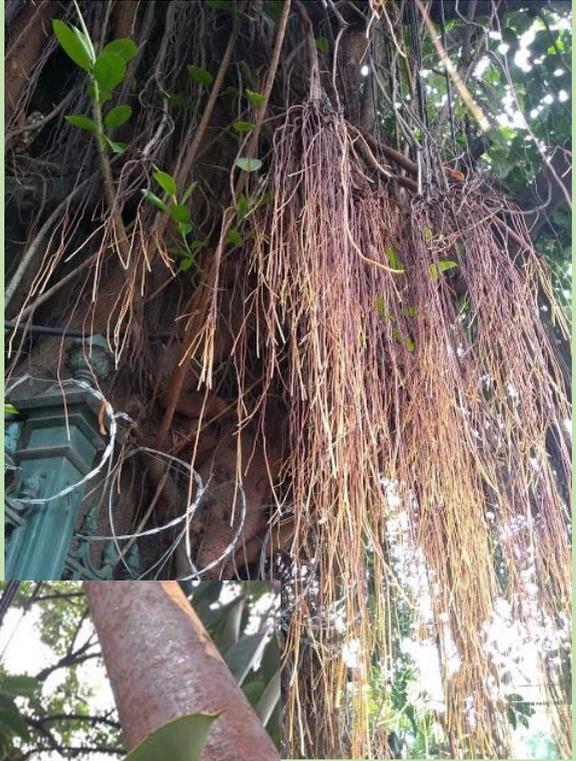
**Síndrome de Dispersão:** Ornitocoria.

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização em grandes espaços. No passado foi fonte de látex para produção de borracha, levando à sua quase extinção no seu ambiente natural.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** Existem três variedades cultivadas no Brasil: folhas grandes e porte enorme, a de folhas grandes variegadas, e a de folhas médias. São raros os exemplares encontrados com figos, sendo que a primeira variedade, retratada nesta ficha, nunca foi observada em estado fértil.



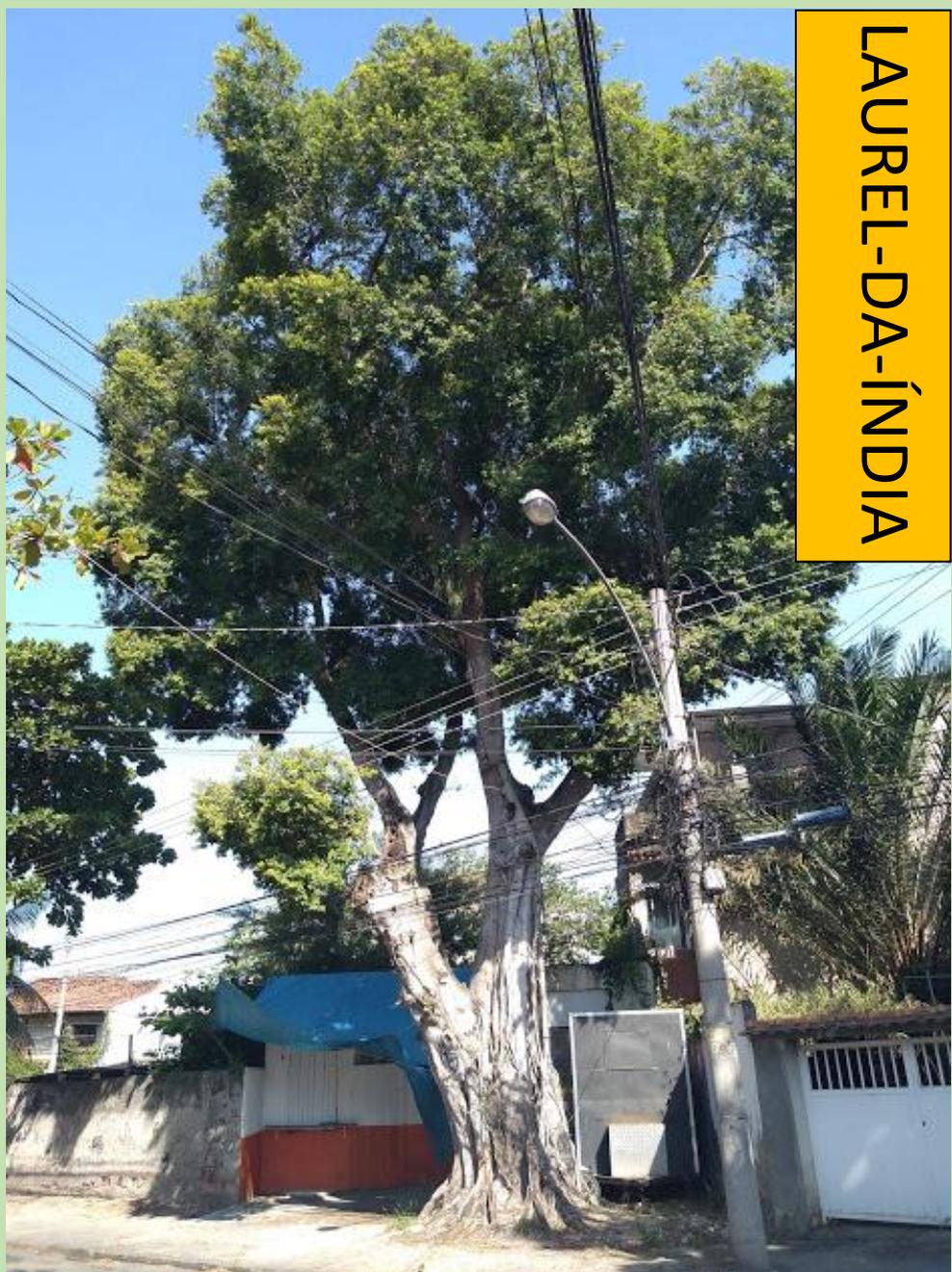
A borracha se tornou conhecida do mundo dito civilizado quando os Europeus, no processo de colonização do Novo Mundo, tiveram contato com produtos feitos pelos povos nativos, utilizando o látex de diversas árvores, das quais a mais abundante e de melhor qualidade era a seringueira, *Hevea brasiliensis*, Euphorbiaceae.

Numa epopeia digna de livros de aventuras, Henry Wickham conseguiu contrabandear 70 mil sementes de seringueira para o Kew Garden de Londres, que posteriormente foram introduzidas nas colônias britânicas do Oriente, como a Malásia, que se tornaram rapidamente grandes produtoras, pela ausência dos fungos que controlam as populações de seringueira na América do Sul. Esta peculiaridade permitiu a implantação de plantios extensivos na Ásia, eclipsando o protagonismo do Brasil como produtor de borracha.

E há registro de que em 1872 a espécie *Ficus elastica* fora testada no Ceilão como produtora de borracha, quando ainda havia incerteza dos produtores locais em relação à competitividade da seringueira.

(Dean, 1989)

# LAUREL-DA-ÍNDIA



# Laurel-da-Índia

*Ficus microcarpa* L.f.

**Família:** Moraceae

**Origem:** Ásia e Oceania.

**Porte:** Até 15 metros

**Período de Floração:** Setembro a Dezembro

**Período de Frutificação:** Setembro a Dezembro

**Síndrome de Polinização:** Entomofilia (vespas)

**Síndrome de Dispersão:** Ornitocoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** Uma das poucas figueiras exóticas que produzem sementes férteis no Brasil. Na década de 1960 os exemplares do Rio de Janeiro foram atacados pelo Thysanoptera *Gynaikothrips ficorum*.



Os tripses, da ordem Thysanoptera, são insetos minúsculos, cujo nome, oriundo das palavras gregas *thysanon* e *pteron*, significa “asas franjadas”. O tripe asiático *Gynaikothrips ficorum* teve registro de explosão populacional no início da década de 1960 no Brasil, onde provavelmente foi introduzido junto a sua conterrânea *Ficus microcarpa*, em cujas folhas costuma depositar seus ovos.

A população de diversas cidades brasileiras arborizadas com esta figueira sofreu os efeitos desse descontrole biológico, dado o incômodo causado por estes insetos ao tocarem os olhos; o autor desta publicação é testemunha de como arde. Efeito das asas franjadas que arranham a mucosa.

No início da década de 1960 o Rio de Janeiro era a cidade-estado da Guanabara, que pouco tempo antes havia perdido o status de capital da República para a recém-construída e bem menos charmosa Brasília. E seu governador era o lendário e polêmico Carlos Lacerda, inimigo de Getúlio e JK. E mais tarde aliado de JK, mas essa é outra história. E a ironia carioca, presente desde o Brasil Colônia, batizou o incômodo inseto com o nome do famoso político. Nascia aí o lacerdinha.

(Duarte, 2007; Acervo Carlos Lacerda)

# FIGUEIRA-SAGRADA



# **Figueira-sagrada**

*Ficus religiosa* L.

**Família:** Moraceae

**Origem:** Ásia.

**Porte:** Até 30 metros

**Período de Floração:** Agosto - Fevereiro

**Período de Frutificação:** Janeiro - Junho

**Síndrome de Polinização:** Entomofilia (vespas)

**Síndrome de Dispersão:** Ornitocoria

**Crescimento:** Rápido

**Usos e indicações:** Paisagismo e arborização. Medicinal.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** É capaz de produzir sementes férteis no Brasil, em grande quantidade.



A espécie *Ficus religiosa* é encontrada frequentemente perto de templos budistas. É considerada sagrada na Índia e em países onde há expressiva participação do budismo. Reza a tradição que Buda, Sidartha Gautama ou Sakyamuni, alcançou a iluminação à sombra desta árvore. A *bodhi*, como *F. religiosa* é chamada na Índia, é venerada também por hinduístas, que creem ser a árvore morada de suas divindades, a *trimúrta* Brahma-Vishnu-Shiva. Esta trindade representa a criação, a conservação e a destruição, e estas deidades habitam, respectivamente, raízes, troncos e folhas.

O culto a árvores é capaz de alterar a distribuição geográfica de espécies. A *bodhi* foi levada das florestas dos Himalaias até diversos pontos do subcontinente indiano, seguindo a devoção a Buda. A teca (*Tectona grandis*) também é encontrada em ambientes relacionados à devoção no Sudeste Asiático. E na Europa temos abetos (*Abies*) e carvalhos (*Quercus*) sagrados.

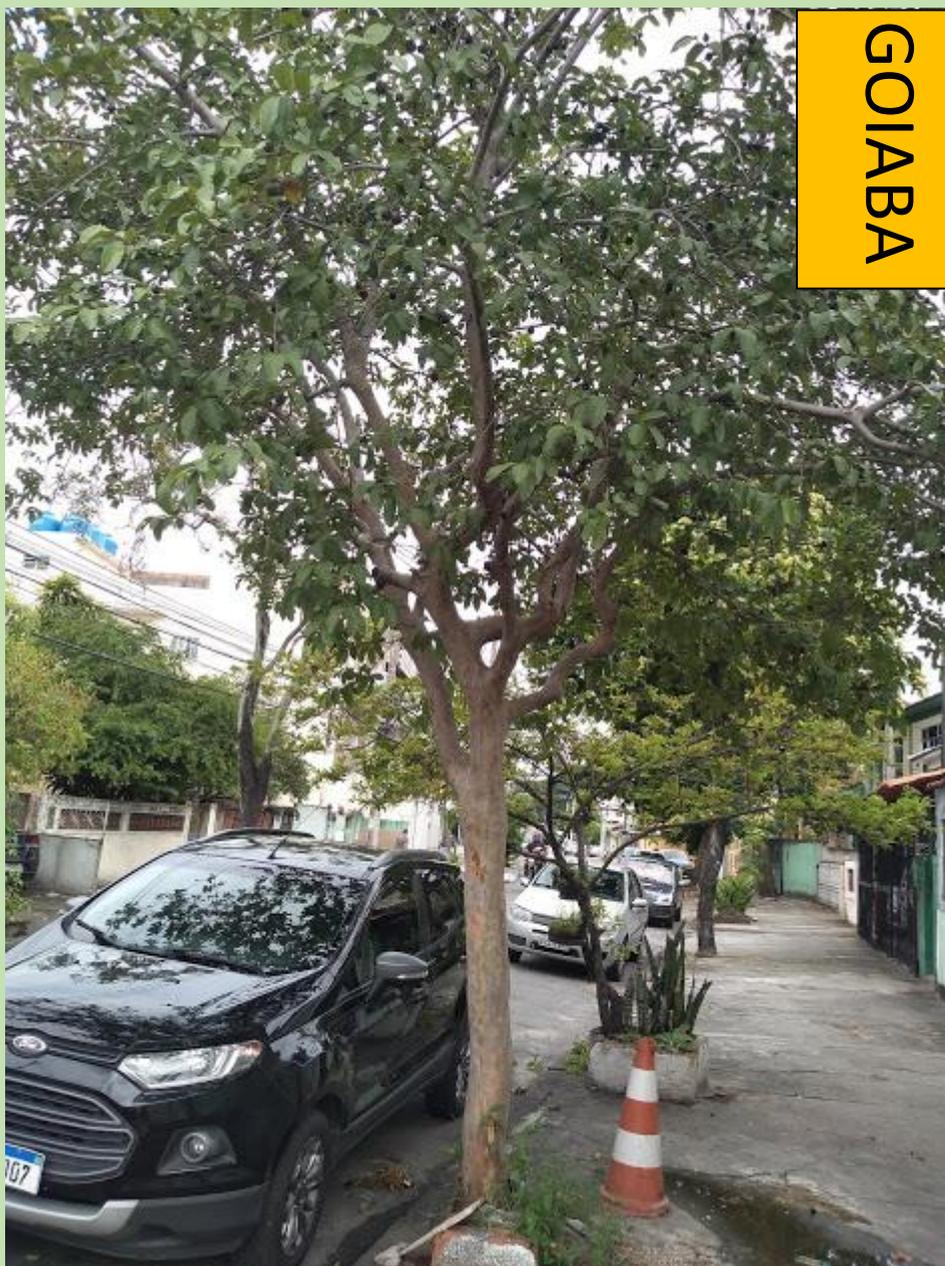
O hábito de preservar figueiras nativas tidas como sagradas na Mata Atlântica brasileira bem pode ter contribuído para acelerar o processo de regeneração de diversas áreas desmatadas para a agricultura ao longo de nosso destrutivo processo de ocupação territorial, além de gerar peculiaridades na estrutura das florestas regeneradas.

(Panday e Panday, 2016; Svorc e Oliveira, 2012; Fickeler, 1999; Alves, Carauta e Pinto, s.d.)

# MYRTACEAE

Árvores, arbustos. Ritidoma esfoliativo. Folhas opostas, simples. Glândulas no limbo formando pontos translúcidos. Plantas aromáticas. Nervura marginal coletora, exceção ao gênero *Campomanesia*. Flores vistosas, Fruto baga ou drupa.

GOIABA



# Goiaba

*Psidium guajava* L.

**Família:** Myrtaceae

**Origem:** Sul do México, naturalizada no resto da América Tropical.

**Porte:** 3 a 6 metros.

**Período de Floração:** Setembro - Novembro

**Período de Frutificação:** Dezembro - Março

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia.

**Síndrome de Dispersão:** Mamalocoria, Ornitocoria

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Uma das frutas mais consumidas no Brasil, cultivada em diversas partes do mundo. Consumo *natura*, geleias, doces em massa, sucos, molhos. Uso medicinal, para tratar diarreias e febres.

**Potencial invasivo:** Sim.

**Outras informações:** Uma das principais espécies invasoras no Sul dos Estados Unidos e em ilhas no Pacífico.



Até o ano de 1960 a cidade do Rio de Janeiro foi capital da República. Entre 1960 e 1975, constituiu o estado da Guanabara. Em 1975 houve a fusão da Guanabara com o antigo estado do Rio de Janeiro, cuja capital era Niterói.

Embora não necessariamente uma rivalidade, são evidentes certos estereótipos atribuídos aos habitantes destes dois territórios. O morador da cidade do Rio de Janeiro, orgulhosamente autodenominado carioca, tem a pecha de malandro, despreocupado, inconsequente; o morador do interior é visto como tranquilo, reservado, ligado à família.

De forma pejorativa, o carioca chama aos nascidos no interior, em especial a partir da cidade de Niterói, de papa-goiabas. Além do preconceito que carrega a expressão, há um erro histórico-geográfico: a cidade afamada pela cultura da goiaba e seus derivados, em especial os doces, era Campos, mais ao Norte.

(Lucas, 2014; Inglez de Souza, Peixoto e Toledo, 1995)



JAMELÃO

# Jamelão

*Syzygium cuminii* (L.) Skeels

**Família:** Myrtaceae

**Origem:** Sudeste Asiático.

**Porte:** 15 a 20 metros.

**Período de Floração:** Agosto – Novembro

**Período de Frutificação:** Julho – Abril

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Ornitocoria, Quiropterocoria

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Consumo *in natura*, ou na forma de geleias, sucos, compotas. Ação antioxidante. A medicina tradicional o utiliza como antihipoglicêmico e no tratamento de úlceras estomacais, hemorroidas e diarreias.

**Potencial invasivo:** Sim. Risco Moderado.

**Outras informações:** Seus frutos exsudam tintura de forte coloração azulada, que pode manchar roupas e latarias de veículos.

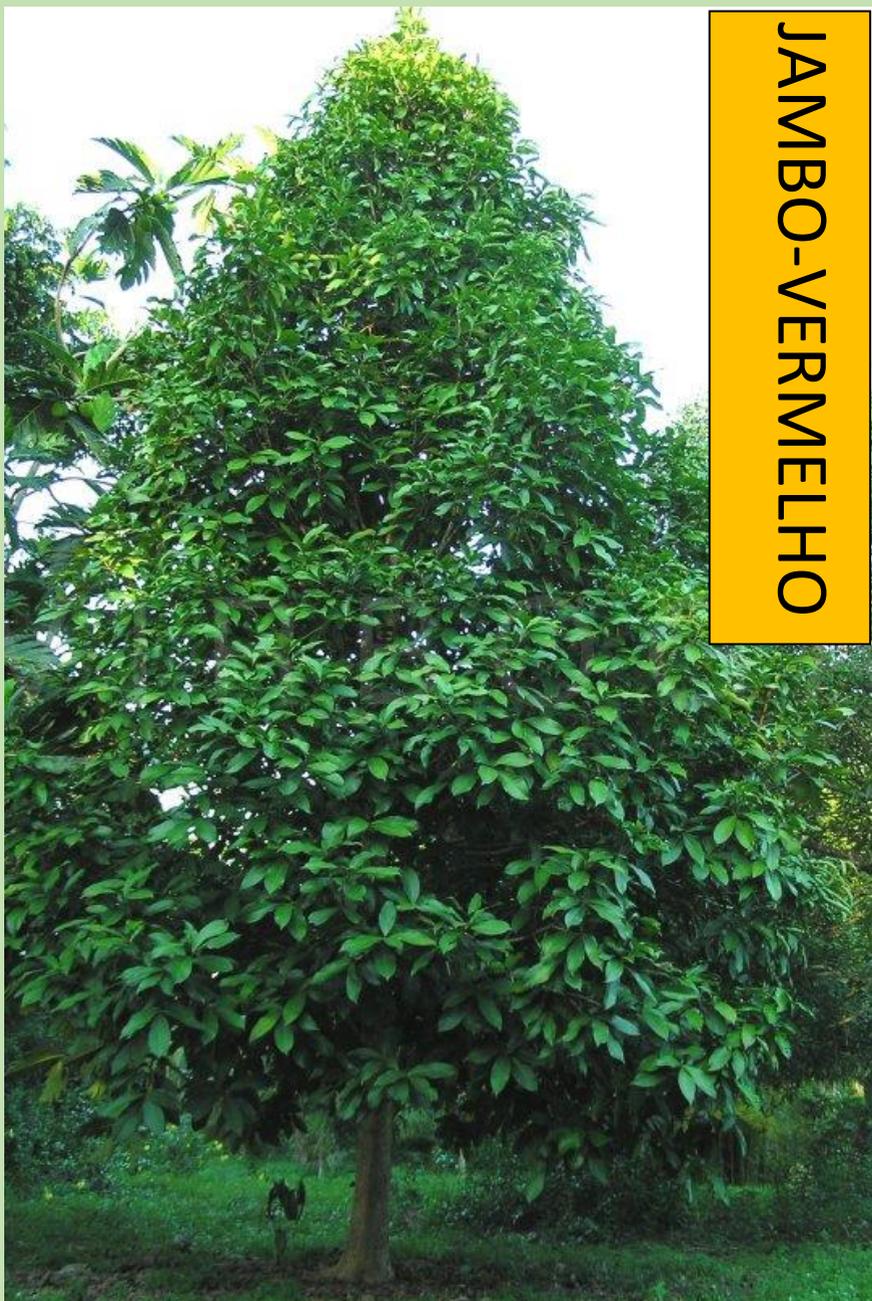


José Bispo Clementino dos Santos nasceu no Rio de Janeiro em 1913. É considerado o maior cantor de sambas de enredo, dentre todos os que participaram dos desfiles das escolas cariocas. Poucos recordam que era investigador de polícia, talvez alguns saibam que é considerado também um excepcional intérprete das canções de Lupicínio Rodrigues. Mas todos já ouviram falar de seu lendário mau humor e de como detestava ser chamado de puxador de samba.

Há duas versões para o apelido Jamelão, recebido pelo cantor na década de 1940, ambas contadas pelo próprio artista, falecido em 2008: em uma, teria sido alcunhado por um radialista, em outra o apelido teria surgido numa gafeira do bairro carioca do Engenho Novo. No entanto, a despeito da versão, o apelido surge da comparação entre a cor escura da fruta e a pele negra do artista, em tempos com menos freios morais em relação aos dias de hoje.

(Jornal *O Pasquim*, edição 939, 1987;

<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e-memória/historia-e-memoria/2014/07/17/jamelão>)



**JAMBO-VERMELHO**

# Jambo-vermelho

*Syzygium malaccense* L.

**Família:** Myrtaceae

**Origem:** Sudeste Asiático

**Porte:** 7 a 12 metros

**Período de Floração:** Agosto - Fevereiro

**Período de Frutificação:** Janeiro - Maio

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia

**Síndrome de Dispersão:** Ornitocoria, Quiropterocoria

**Crescimento:** Rápido.

**Usos e indicações:** Os frutos são muito apreciados *in natura* ou em doces em calda. Paisagismo e arborização.

**Potencial invasivo:** Sim. Risco Moderado.

**Outras informações:** Possui uma copa piramidal, pouco comum, o que a torna apreciada em projetos paisagísticos.



O jambo é utilizado pelo ser humano há milênios. Escavações na Ilha de Páscoa encontraram indícios de seu consumo, em restos fósseis de fogueiras; foi levado pelos polinésios que ocuparam aquele local distante alguns milhares de anos passados. E provavelmente chegou ao Brasil na leva de plantas asiáticas introduzidas no período colonial, já conhecidas dos portugueses de suas possessões orientais.

Além do espetacular jambo-vermelho aqui retratado, há ainda o jambo-branco, o jambo-rosa e o jambo-amarelo, todas espécies distintas. O último pode ser a razão do termo “moreno/morena-jambo”, para descrever pessoas com a pele morena de tom mais claro, amarelado, pálido.

Monteiro Lobato, na obra “Reinações de Narizinho”, descreve a personagem-título desta forma:

*“Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.”*

(Diamond, 2005; Carvalho, 2005; Dean, 1996; Lobato, 1931)

# Oxalidaceae

Ervas, arbustos e mais raramente árvores. Folhas alternas, subopostas ou pseudoverticiladas, tri a plurifolioladas, pinadas ou digitadas, raro unifolioladas, com ou sem estípulas. Flores solitárias ou em inflorescências do tipo umbela ou cimeira. Fruto cápsula loculicida ou baya.

# CARAMIBOLA



# Carambola

*Averrhoa carambola* L.

**Família:** Oxalidaceae

**Origem:** Sudeste Asiático.

**Porte:** 3 -12 metros.

**Período de Floração:** O ano inteiro.

**Período de Frutificação:** O ano inteiro, especialmente de janeiro a março.

**Síndrome de Polinização:** Melitofilia.

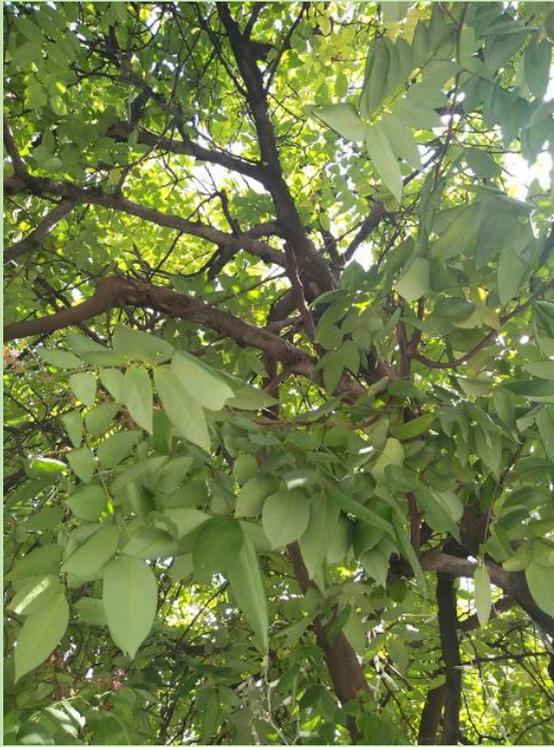
**Síndrome de Dispersão:** Barocoria, Hidrocoria

**Crescimento:** Lento

**Usos e indicações:** Os frutos são muito apreciados *in natura* ou em sucos, compotas e geleias. Paisagismo e arborização. Flores comestíveis.

**Potencial invasivo:** Não.

**Outras informações:** A alta proporção de ácido oxálico na composição dos frutos torna seu consumo inadequado a pessoas com problemas renais.



A carambola possui uma história de introdução oficial, de ter sido trazida ao Brasil no Período Colonial, estimando-se o ano de 1817 como o de entrada da espécie no Nordeste do país. A partir desta região, a espécie teria se disseminado principalmente pelo litoral, sendo comum em quintais e pomares caseiros.

No entanto, existem autores que afirmam que o caminho é inverso, e que a carambola seria nativa da América Tropical, tendo sido introduzida na Ásia a partir do comércio feito por galeões espanhóis vindo das colônias ocidentais.

O reencontro entre dois grandes grupos humanos, separados por migrações ancestrais e proporcionado pelas Grandes Navegações, levou a tragédias, como o extermínio de nações inteiras de nativos americanos; mas também permitiu a introdução de culturas agrícolas em ambos continentes, que hoje fazem parte de diversas culturas. O nhoque italiano precisa das batatas (*Solanum tuberosum*) e tomates (*Solanum lycopersicum*) oriundos do Peru e do México, assim como habitantes do Neotrópico temperam seus pratos com pimenta-do-reino (*Piper nigrum*) oriunda do subcontinente indiano.

(CABI, 2015; Torres, Figueirêdo, Queiroz, 2003; Dean, 1995)

# BIBLIOGRAFIA

<http://www.agroforestry.net/images/pdfs/Syzygium-Malayapple.pdf>

[https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/especies\\_arboreas\\_brasileiras/arvore/CONT000fuqxfe5o02wyiv80166sqfr9w5v94.html](https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/especies_arboreas_brasileiras/arvore/CONT000fuqxfe5o02wyiv80166sqfr9w5v94.html)

<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/128279/1/PLANTAR-Goiaba-ed02-2010.pdf>

<http://ajpp.in/uploaded/p174.pdf>

[http://aplicacoes.jbrj.gov.br/materias/imagens/bignoneae\\_eae\\_para\\_site\\_simples.pdf](http://aplicacoes.jbrj.gov.br/materias/imagens/bignoneae_eae_para_site_simples.pdf)

<https://arvoresdaufmt.wixsite.com/campusbosques>

<https://www.bibliotecaagpatea.org.br/agricultura/biologia/livros/ORIGEM%20E%20EVOLUCAO%20DE%20PLANTAS%20CULTIVADAS%20-%20EMBRAPA.pdf>

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv7099.pdf>

<https://www.cabi.org/isc/datasheet/8082>

<http://chaves.rcpol.org.br/eco>

<http://www.cdrs.sp.gov.br/portal/produtos-e-servicos/publicacoes/acervo-tecnico/carambola>

<https://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/>

<https://www.embrapa.br/cerrados/colecao-entomologica/thysanoptera>

<http://www.fao.org/3/a-an435e.pdf>

[http://hort.ufl.edu/database/documents/pdf/tree fact sheets/ficbena.pdf](http://hort.ufl.edu/database/documents/pdf/tree_fact_sheets/ficbena.pdf)

[http://www.iac.sp.gov.br/publicacoes/agronomico/pdf/v58\\_Goiaba\\_no\\_mundo.pdf](http://www.iac.sp.gov.br/publicacoes/agronomico/pdf/v58_Goiaba_no_mundo.pdf)

[http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/IN-0005-REVISTA INEANA 2 NOVO WEB F 2.pdf](http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/IN-0005-REVISTA_INEANA_2_NOVO_WEB_F_2.pdf)

<https://institutohorus.org.br/analise-de-risco-para-especies-exoticas/analise-de-risco-para-plantas-exoticas/>

<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/ciencia-em-curso/0302/030203.pdf>

[https://www.mma.gov.br/estruturas/174/\\_arquivos/174\\_05122008112733.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/174/_arquivos/174_05122008112733.pdf)

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ptr.807>

<http://ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/viewFile/357/pdf>

<http://www.ppgn.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/11/DISSERTACAO-Gabriella-Fernandes-Gachet.pdf>

<http://publicacoeseducativas.butantan.gov.br/web/arvores-maduras/pages/pdf/a5-arvores-maduras.pdf>

<https://www.reconstructingancientegypt.org/houseofbooks/wp-content/uploads/2019/04/pr-mDA012.pdf>

[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8709/1/marlon\\_marcos.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8709/1/marlon_marcos.pdf)

[https://www.researchgate.net/publication/330003141\\_Licania\\_tomentosa\\_e\\_L\\_salzmannii\\_Oiti](https://www.researchgate.net/publication/330003141_Licania_tomentosa_e_L_salzmannii_Oiti)

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4203646/4101352/CarlosFredericoWerneckDeLacerda.pdf>

<https://rngr.net/publications/ttsm/species>

<https://search.proquest.com/openview/ae5ad42cb6f27f7101ec47279976c093/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035034>

<https://scroll.in/magazine/853873/phad-paintings-rajasthans-travelling-temples-are-fading-away-after-half-a-millennium>

<http://seasiacitoria.myspecies.info/node/8>

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13504509509469908>

[https://www.terra.com.br/istoegente/353/pda/nando\\_.htm](https://www.terra.com.br/istoegente/353/pda/nando_.htm)

<https://tropicalgardener.wordpress.com/tag/clitoria-racemosa/>

ALVES, Adriana Brügger; CARAUTA, José Pedro Pereira, PINTO, Angelo da Cunha. A história das figueiras ou gameleiras. Disponível em: [http://www.s bq.org.br/filiais/adm/Upload/subconteudo/pdf/Historias\\_Interessantes\\_de\\_Produtos\\_Naturais12.pdf](http://www.s bq.org.br/filiais/adm/Upload/subconteudo/pdf/Historias_Interessantes_de_Produtos_Naturais12.pdf). Acesso em: 16 abr. 2020. s.d.

BULLOCK S.H.; SOLIS-MAGALLANES, A. Phenology of canopy trees of a tropical deciduous forest in Mexico. *Biotropica*, 22(1):22–35, 1990.

CARAUTA, J. P. P.; DIAZ, B. E. *Figueiras no Brasil*. Editora UFRJ, 2002. ISBN 8571082502

DEAN, W. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 484 p.

DEAN, W. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989.

DIAMOND, J. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. Editora Record, 2005, 724 p..

DOCTERS VAN LEEUWEN, W. M. The dispersal of plants by fruit-eating bats. *Gardens Bulletin (Straits Settlement)*, 9:58–63, 1935.

FERRÃO, J.E.M. *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses*. 2ª ed., Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1993. ISBN 912-672-584-4.

FICKELER, P. Questões fundamentais na Geografia da Religião. *Espaço e Cultura*, nº 7,1999, pp. 7-36.

GOMES, E. R. S. *Espécies exóticas invasoras em unidades de conservação do Estado do Rio de Janeiro – Estudo de população de jaqueiras (Artocarpus heterophyllus L.) no Parque Natural Municipal do Mendanha*. Dissertação. Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais. UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. 96F. 2007.

GRAY, J. Memoir on the pigmentation survey of Scotland. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. 1907, 30:104–124, 1907.

GUILLEY, R. E. *The Encyclopedia of Saints*. Infobase Publishing, 2001. ISBN 0-8160-4134-2.

INGLEZ DE SOUZA, J.S.; PEIXOTO, A.M.; TOLEDO, F.F. *Enciclopédia Agrícola Brasileira*. São Paulo, SP, Brasil: Edusp, 1995.

IRIGOYEN-RÁSCON, F., PAREDES, A. *Tarahumara Medicine: Ethnobotany and Healing among the Rarámuri of Mexico*. Norman: University of Oklahoma Press, 2015. Pp. ix + 383

KRISHNA, N.; AMIRTHALINGAM, M. *Sacred Plants of India*. Penguin Books, 295 p., 2014.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. 1931.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 1992. v. 1, 368 p.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 1998. v. 2, 352 p.

LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2009. v. 3, 386 p.

LORENZI, H. *Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2003. 368p.

McDOUGALL, C. *Nascido para correr: a experiência de descobrir uma nova vida*. Tradução de Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: 1ª edição Globo, 2010.

PANDEY, D.; PANDEY, V.C. Sacred plants from ancient to modern era: traditional worshipping towards plants conservation. *Tropical Plant Research*, 3(1):136-141, 2016.

PEREIRA, C.A.M. *Cacique de Ramos. Uma História que Deu Samba*. E-Papers, 2003, 174 p.

PERLIN, J. *História das florestas: a importância da madeira no desenvolvimento da civilização*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1992. 490 p.

SILVA, M.T.B., CACHAÇA, C., OLIVEIRA FILHO, A.L. *Fala Mangueira*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1981, 165 p.

SOLÓRZANO, A.; SALES, G.P.S.; OLIVEIRA, R.R. A história de transformação da paisagem do Parque Nacional da Tijuca: uso, ocupação e legados socioecológicos impressos na paisagem. v. 8 n. 1 (2017): *Anais SNCMA* 2017 - ISSN: 2179-5193

SVORC, R. C. P. F.; OLIVEIRA, R. R. Uma dimensão cultural da paisagem: biogeografia e história ambiental das figueiras centenárias da mata atlântica. *GEOUSP*, 32:140-160, 2012.

TORRES, L.B.V.; FIGUEIRÊDO, R.M.F.; QUEIROZ, A.J.M. Caracterização química de carambolas produzidas em região semi-árida do Nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Produtos Agroindustriais*, 1: 43-54, 2003.

VAN DER PIJL, L. *Principles of dispersal in higher plants*. Springer Verlag. New York. 1982, 212p.

# GLOSSÁRIO

**Anemocoria:** dispersão de sementes pelo vento.

**Autocoria:** dispersão de sementes por abertura ou explosão de frutos.

**Autopolinização:** o mesmo que autofecundação.

**Barocoria:** dispersão de sementes por ação da gravidade.

**Cantarofilia:** polinização por besouros (Coleoptera).

**Entomofilia:** polinização por insetos, de forma genérica.

**Hidrocoria:** dispersão de sementes pela água.

**Mamalocoria:** dispersão de sementes por mamíferos.

**Melitofilia:** polinização por abelhas.

**Miofilia:** polinização por moscas.

**Ornitocoria:** dispersão de sementes por aves.

**Ornitofilia:** polinização por aves.

**Psicofilia:** polinização por borboletas.

**Quiropterocoria:** dispersão de sementes por morcegos.

**Zoocoria:** dispersão de sementes por animais, de forma genérica.

